



“Essa terra tem dono, nós a recebemos de Deus e de São Miguel” 250 anos de Sepé Tiaraju

Editorial

Na Semana Farroupilha, preparando-nos para celebrar os 250 anos da trágica morte de Sepé Tiaraju, em 7 de fevereiro de 1756, a revista *IHU On-Line* contribui para debater a sua trajetória e o seu significado para a história do Brasil. Historiadores, literatos, líderes indígenas, pesquisadores refletem e discutem sobre Sepé Tiaraju nesta edição. Assim, como universidade confiada à Companhia de Jesus e radicada no Rio Grande do Sul, participamos da preparação das celebrações dos 250 anos da morte de Sepé Tiaraju, que se realizarão durante o ano de 2006. Certamente, voltaremos ao tema.

A cosmologia de Newton é o tema que será tratado, nesta quarta-feira, dia 21, no **Ciclo de Estudos Desafios da Física para o século XXI: uma aventura de Copérnico a Einstein**. O professor da Unisinos Ney Lemke abordará o assunto nesta atividade que celebra o Ano Internacional da Física.

No dia 22, o Prof. Dr. Thomas Kesselring, da Universidade de Berna, Suíça, proferirá uma conferência sob o título *Ética e Sentimentos Morais*, no **IHU Idéias**.

E a semana termina com a exibição e debate do filme *Rei Arthur* de Antoine Fuqua, no sábado, dentro do **Ciclo Idade Média e Cinema**. O filme será debatido pelo Prof. Dr. José Rivair de Macedo, professor na UFRGS.

A todas e todos uma ótima semana e uma excelente leitura!

Entrevistas

“Sepé representa a luta pela nossa dignidade”

Entrevista com Maurício da Silva Gonçalves

O anseio é do guarani Maurício da Silva Gonçalves, coordenador do Conselho Estadual dos Povos Indígenas e da Comissão de Terra Guarani. Morador da aldeia de Itapuã, em Porto Alegre, Maurício disse em entrevista por telefone à *IHU On-Line* que os povos indígenas são cidadãos brasileiros como todos os outros. Frisou, ainda, que a luta dos guaranis pela terra continua, mas com caráter diferente: “Estamos lutando pela recuperação, de fato. Nossa resistência hoje, como povo, como cultura, continua havendo, mas lutar pela terra é uma questão de recuperação”.

***IHU On-Line* - O que Sepé representa para a comunidade indígena guarani hoje?**

Maurício da Silva Gonçalves - A luta de Sepé representa muito para a luta dos povos indígenas guaranis hoje. Primeiro porque ele foi um grande líder, que lutou pelo seu povo para não entregá-la, na época, aos espanhóis e portugueses, e lutou para preservar a cultura e o território onde os guaranis viviam. Sepé fez essa luta há muitos anos, mas temos isso muito presente hoje. A luta dos guaranis continua. Nós lutamos pelo nosso espaço, pelo nosso território. Essa luta representa muito hoje, pela recuperação do território guarani. Para se ter uma idéia, os guaranis lutam para sobreviver em beiras de estrada. É só correr pelas BRs e estradas do Rio Grande do Sul todo para ver os acampamentos guaranis. Então, como é que os guaranis vêem isso hoje? É por

isso que a luta de Sepé continua nas lideranças guaranis atuais, com caciques que lutam pelo seu território e, principalmente, pela dignidade do povo guarani. Eu, por exemplo, sou uma liderança que se formou lutando. Não fui à escola, não sou formado, mas a escola que me ensinou foi viver esses problemas todos que atravessam nossa vida. Lutar pelos nossos direitos é uma escola. A luta de Sepé representa a resistência e a busca pela dignidade de nosso povo. O que nós queremos é que a sociedade brasileira e o governo reconheçam, de fato, o direito do povo indígena.

***IHU On-Line* - Como percebe o problema da distribuição de terras no Brasil? Essa questão mudou muito da época de Sepé em relação à hoje?**

Maurício da Silva Gonçalves - Acredito que o problema das terras mudou um pouco. Antes nós tínhamos nosso

território. Sepé lutava para não entregar as terras, para que o povo branco não tomasse as terras. Na época, nós tínhamos o nosso espaço, as nossas grandes aldeias, como são conhecidos os Sete Povos das Missões. Isso representa as grandes concentrações dos guaranis. Hoje, lutamos para recuperar as nossas terras. Então isso muda bastante. Agora não temos terras, estamos fora delas. Nossa resistência hoje, como povo, como cultura, continua havendo, mas a luta é pela recuperação da terra. Sepé queria impedir que os espanhóis tomassem nosso chão. Naquele tempo nós tínhamos mais espaço.

IHU On-Line - Como acontece o processo de lideranças entre os índios brasileiros atualmente?

Maurício da Silva Gonçalves – Entre os guaranis, cada aldeia tem seus caciques, seus representantes. Nós estamos organizados em termos de articulação, para discutir juntos os nossos problemas, sobretudo o problema da terra, que é o principal, já que é uma questão geral. Quanto a isso, temos uma articulação grande com os caciques e com algumas entidades que, de fato, querem ajudar os indígenas. Em encontros, discutimos os assuntos de nosso interesse. Não é uma organização formal, mas uma vez por mês ou a cada dois meses, nós nos reunimos com os caciques para conversar. Debates também educação, saúde, agricultura e auto-sustentação. Não há um representante geral, e sim local. Os caciques levam as reivindicações do seu povo para esses encontros, a fim de que possamos, em conjunto, encaminhar os assuntos ao Ministério Público, ao governo, à FUNAI.

IHU On-Line - Como interpreta a campanha de canonização de Sepé? Converter sua figura em santo reparará a injustiça de sua morte?

Maurício da Silva Gonçalves – Para a minha comunidade, em Itapuã, temos a definição de que o Sepé, sendo canonizado ou não, representa um símbolo. Para nós, ele já é um santo. Então não faz diferença se ele será homenageado como um santo. Isso não mudará nada entre nós. Claro que, em termos de reconhecimento para o povo branco, isso é interessante, porque seria mais respeitado e seria mais reconhecido como um lutador e um articulador, que foi, pela resistência do povo guarani. Quanto a isso, sim, concordo com a canonização, que os brancos reconheçam que ele lutou pelo povo, mas, para nós, guaranis, isso não muda muito. O importante é que a luta dele seja levada como resistência mesmo hoje. Estamos dando continuidade ao trabalho dele.

IHU On-Line - Qual é a principal lição que Sepé deixou aos seus descendentes?

Maurício da Silva Gonçalves – Entendo que Sepé Tiaraju ensinou muitas coisas, mas a maior delas é de sempre lutar pelos nossos direitos, resistir à não-integração da nossa cultura a outras culturas. Ele sempre defendeu a nossa língua, a nossa cultura, para que nunca fossem destruídas. Temos que continuar sendo o povo guarani, não podemos perder nosso jeito de ser, nossa cultura. Esse é um dos maiores ensinamentos que ele nos deixou: de nunca “entregar os pontos” para os brancos, nunca entregar nossa cultura e deixar de ser guarani. Temos que nos orgulhar de ser um povo indígena.

IHU On-Line - De que forma a comunidade guarani celebra a memória de Sepé?

Maurício da Silva Gonçalves – Esse momento é, para nós, muito importante em nossos dias. Não dá, para nós, guaranis, dizermos às autoridades, ao

governo: “queremos todas nossas terras de volta”. Isso é impossível, não dá para se discutir mais. O que se quer, com objetividade, é que o governo reconheça nosso direito e devolva algumas terras que entendemos ser de tradicional ocupação, adequadas para o povo guarani, para ele sobreviver, para viver sua cultura onde haja espaço. É isso que queremos e pedimos às autoridades: que reconheçam pelo menos isso, o nosso direito à terra para viver dignamente. Que o governo as terras que os guaranis entendem que são nossas, terras que correspondem à nossa cultura. Não queremos todas as terras de volta, e sim, alguns lugares que possam ser adequados para o povo guarani.

IHU On-Line - Gostaria de acrescentar mais algum aspecto?

Maurício da Silva Gonçalves – Para nós, é importante lembrar ao povo não-índio que a gente vem lutando há mais de 500 anos. Resistimos e temos nossa cultura bastante preservada ainda. Isso para nós é importante, é o nosso documento, a nossa resistência. Fica o alerta ao povo não-índio para que respeite os índios como um povo diferenciado, mas não discriminando os indígenas. É essa palavra que deixamos: que o governo e a sociedade reconheçam o povo indígena, que ele tem direito à terra, à saúde, à agricultura. Tudo isso é um direito do cidadão brasileiro, como de nós, índios.

Um símbolo da resistência guarani

Entrevista com Alcy Cheuiche

Para Alcy Cheuiche, Sepé é um símbolo histórico do índio missioneiro do século dezoito. Cristão praticante, sem perder os valores fundamentais de sua raça. Cheuiche afirma ainda que o 7 de fevereiro, dia da morte do líder guarani, deveria ser oficializado em todo o Brasil como *Dia da Consciência Indígena*.

Cheuiche é graduado pela Faculdade de Agronomia e Veterinária da UFRGS e mestre em Comunicação Científica pela Universidade de Paris. É professor visitante da Universidade da Região da Campanha (URCAMP), onde ministra oficinas de criação literária.

Foi no romance histórico que Alcy Cheuiche encontrou seu verdadeiro caminho na literatura brasileira. *Sepé Tiaraju, Romance dos Sete Povos das Missões*. 3 ed. Porto Alegre: Sulina, 1984, foi traduzido para o espanhol e para o alemão e também editado em quadrinhos no Brasil. A primeira edição em espanhol esgotou-se em cinco meses. Escreveu também *Ana Sem Terra*. 6. ed. Porto Alegre: Sulina, 1998; *Lord Baccarat*. 2. ed. Porto Alegre: AGE, 1992; *A Mulher do Espelho*. Porto Alegre: Sulina; *Dezoito do forte de Copacabana* e *Nos céus de Paris: o romance da vida de Santos Dumont*. São Paulo: L&PM, 2001.

Ganhou diversos prêmios literários, como *Ilha de Laytano*, *Prêmio Açorianos*, troféu da RBS e troféu *Laçador*, além da *Medalha Mérito Santos Dumont*, uma das maiores

honorarias da Força Aérea Brasileira. Entre outras entidades culturais a que pertence, é membro vitalício e secretário-geral da *Academia Rio-Grandense de Letras* e sócio fundador da *Associação Gaúcha de Escritores*. A entrevista a seguir foi concedida por e-mail.

***IHU On-Line* - Para muitos, Sepé Tiaraju é símbolo de resistência e do instinto de liberdade de um povo - outros discordam. Como caracterizaria sua figura?**

Alcy Cheuiche - Exatamente como símbolo da resistência guarani à invasão dos portugueses e espanhóis, entre 1753 e 1756. Desde a Batalha de Mbororé, em 1641, quando os bandeirantes foram derrotados em território missioneiro (próximo a Ijuí), a região controlada pelos Sete Povos não sofrera mais nenhuma invasão. Durante esse período de mais de um século, as sete cidades cresceram em um sistema econômico cooperativo cristão que é exemplo para o mundo. O próprio Voltaire¹, que detestava os padres, considerou a "República Guarani" como um "triunfo da humanidade". Com a morte de Sepé Tiaraju em Batovi (hoje cidade de São Gabriel), no dia 7 de fevereiro de 1756, encerrou-se a resistência baseada na guerrilha: estratégia de avanços e recuos, queima de campos para espantar o gado, deixando os três mil e quinhentos soldados do exército invasor sem carne, evitando sempre combater, em campo aberto, o inimigo que possuía até canhões. Morto Sepé, Nicolau Nhenguiru, o chefe maior dos guaranis missioneiros, decidiu enfrentar os espanhóis e portugueses, o que aconteceu em Caiboaté (próximo a São Gabriel), no dia de 10 de fevereiro. Ali foram dizimados cerca de mil e quinhentos índios, encerrando-se a

¹ Voltaire (1694-1778) - Pseudônimo de François-Marie Arouet, poeta, ensaísta, dramaturgo, filósofo e historiador iluminista francês. Uma de suas obras mais conhecidas é o *Dicionário Filosófico*, escrito em 1764. (Nota da *IHU On-Line*)

resistência à invasão. Ali também começou a lenda que levou o povo a canonizar Sepé Tiaraju por sua própria conta (temos até uma cidade com o nome de São Sepé²). Os índios sobreviventes juravam o que viram na batalha, com seu lunar brilhando na testa como uma lua de fogo. Mas a figura histórica de Sepé, sua ousadia em defender o povo guarani e seu território, foi até reconhecida pelos inimigos, como Gomes Freire (o comandante do Exército Português), após encontro que tiveram em Rio Pardo, em busca de um armistício.

***IHU On-Line* - De que modo a literatura brasileira e as artes, em geral, retratam a figura de Sepé?**

Alcy Cheuiche - De uma maneira muito positiva. João Simões Lopes Neto³ exaltou as Missões e seu grande líder em um

² São Sepé - Município do Estado do Rio Grande do Sul, localizado a 265 km de Porto Alegre. Sua população estimada em 2004 era de 24 690 habitantes. Possui uma área de 2176,4 km². (Nota da *IHU On-Line*)

³ João Simões Lopes Neto (1865-1916) - Escritor gaúcho. A ele a revista *IHU On-Line* dedicou a edição 73, chamada *João Simões Lopes Neto: força da literatura brasileira e latino-americana*. O oitavo número dos *Cadernos IHU Idéias* é intitulado *Simões Lopes Neto e a Invenção do Gaúcho*, de autoria da Prof^a Dr^a Márcia Lopes Duarte, professora do Centro de Ciências da Comunicação da Unisinos. A publicação tem como base a apresentação da professora no *IHU Idéias* de 4 de setembro de 2003. É possível conferir sobre o autor uma entrevista concedida por Márcia na *IHU On-Line* número 73, de 1^o de setembro de 2003. Entre as principais obras do escritor, destacamos: *Cancioneiro Guasca* (1910), *Contos Gauchescos* (1912), *Lendas do Sul* (1913), *Casos do Romualdo* e o primeiro volume de *Terra Gaúcha*, estes dois últimos surgidos muito tempo após sua morte, em 1950. (Nota da *IHU On-Line*)

poema que dizia ter recolhido do folclore popular (mas que pode ser de sua autoria), que inicia assim: "Eram armas de Castela, que vinham do mar de além, de Portugal também vinham, dizendo por nosso bem, mas quem faz gemer a terra, em nome da paz não vem." Manoelito Dornellas⁴, o brilhante historiador de *Gaúchos e Beduínos* deixou sobre ele um magnífico poema em prosa denominado *Tiaraju*. Foram escritos, em sua intenção, pelo menos, uma centena de poemas, alguns musicados, como *O grito dos livres*, do poeta Gonzáles, vencedor da Califórnia de Uruguaiana⁵. Erico Verissimo⁶ dedicou aos Sete Povos o capítulo de *O tempo e o vento* chamado *A fonte* (onde Sepé é personagem) e retirou dos escombros missionários o índio Pedro que seduziu Ana Terra, simbolizando a seguir a nossa miscigenação guarani. Meu romance *Sepé Tiaraju* foi editado com sucesso, no Brasil, Uruguai e Alemanha, sendo ilustrado em uma edição em quadrinhos pelo artista plástico uruguaio José Carlos Melgar. O barroco guarani é conhecido no mundo inteiro. A pintura e a escultura contemporâneas dedicaram algumas

⁴ Manoelito Dornellas – Historiador gaúcho, autor de *Gaúchos e beduínos*. A origem e a formação social do Rio Grande do Sul. Rio de Janeiro: José Olympio, 1966; *Mascáras e murais de minha terra*. Porto Alegre: Globo, 1966; *Terra Xucra*. Porto Alegre: Sulina, 1969. (Nota da *IHU On-Line*)

⁵ Califórnia da Canção Nativa – Festival que ocorre desde 1971, em Uruguaiana, para integrar poetas, músicos, musicistas, analistas, estudiosos e críticos no interesse de preservar e divulgar a identidade cultural gaúcha. (Nota da *IHU On-Line*)

⁶ Erico Verissimo (1905-1975) – Escritor gaúcho, autor de dezenas de obras importantes, como *Ana Terra*. 26. ed. Rio de Janeiro: Globo, 1987; *Um certo Capitão Rodrigo*. 12. ed. Porto Alegre: Globo, 1985; *Tempo e o Vento*. 44. ed. São Paulo: Globo, 2001 e *Incidente em Antares*. 49. ed. São Paulo: Globo, 1997. Sobre ele, a *IHU On-Line* publicou a edição 154, de 5 de setembro de 2004. De 12 a 14 de setembro aconteceu o *Seminário Erico Verissimo: vida, obra e atualidade*. (Nota da *IHU On-Line*)

obras a Sepé, sem a mesma intensidade da literatura. Sobre a música nas missões guaranis⁷, o livro de Preis⁸ é uma ótima referência.

***IHU On-Line* – Em que aspectos a situação dos índios brasileiros mais mudou nestes 250 anos que se passaram desde a morte de Sepé?**

Alcy Cheuiche - Está cada vez pior, principalmente no que se refere aos guaranis. Os poucos que sobram no Rio Grande do Sul vivem nas margens das rodovias, em condições subumanas. Na abertura de um encontro, realizado em junho, no auditório Dante Barone, da Assembléia Legislativa (no dia em que o Deputado Sérgio Görgen⁹ protocolou o projeto que reconhece Sepé Tiaraju como "herói guarani missionário rio-grandense"), um líder dos remanescentes de sua tribo pediu que, ao homenagearmos Sepé, não nos esquecêssemos dos guaranis de hoje. Eu também penso assim. De nada adianta homenagear o passado sem transformar essa postura em atos positivos para o presente. Quanto aos índios de outras regiões do País, principalmente os que vivem em terras ricas em minérios e pedras preciosas, não passam hoje de marionetes de exploradores nacionais e estrangeiros.

⁷ Missões Guaranis – Sinônimo para Missões Jesuíticas, Sete Povos das Missões ou Reduções Jesuíticas. (Nota da *IHU On-Line*)

⁸ PREISS, Jorge Hirt. *A música nas Missões Jesuíticas nos Séculos XVII e XVIII*. Porto Alegre: Martins-Livreiro Editor, 1988. (Nota da *IHU On-Line*)

⁹ Sérgio Görgen – frei franciscano e deputado pelo PT gaúcho. É autor, entre outros, dos seguintes livros: *O Massacre da Fazenda Santa Elmira*. Porto Alegre: Vozes, 1989; *A Resistência dos Pequenos Gigantes*. Porto Alegre: Vozes, 1999; *Riscos dos Transgênicos*. Porto Alegre: Vozes, 2000. (Nota da *IHU On-Line*)

IHU On-Line - Como percebe o olhar da universidade sobre Sepé e a cultura indígena?

Alcy Cheuiche - De uma maneira muito positiva. Os estudos históricos e arqueológicos de algumas universidades, como a Unisinos, têm confirmado as teses dos cronistas da época, como o Padre Sepp¹⁰, provando o alto estágio cultural e científico dos índios missioneiros. A fundição dos sinos com minérios extraídos de *tacurus* que se elevam em montículos à flor da terra (semelhantes aos cupins) foi reconhecida por estudos de geólogos universitários. A proteção das Ruínas de São Miguel¹¹ é outro trabalho em que a universidade tem participado com muita competência. Entender como eram os guaranis antes da chegada dos brancos, também tem ocupado os estudiosos. Somos dos que acreditam que os guaranis, entre a cruz e a espada, fizeram bem em escolher a cruz. Mas o melhor é que tivessem ficado livres de ambas, em seu próprio universo cultural, muito mais rico do que muitos acreditam.

¹⁰ Antônio Sepp - Padre jesuíta, falecido em 1733 e certamente o grande gênio das reduções guaranis. Era músico com sólida formação artística na Europa e, sob sua orientação, os índios confeccionaram instrumentos musicais de sua orquestra, assim como sinos e ferramentas agrícolas. Atribuiu-se a ele a introdução da fundição do aço e do ferro no Sul do Brasil para a fabricação de trabalho e de sinos. É co-autor de *Missões, Índios e Jesuítas*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1982. Escreveu *Viagem às missões jesuíticas e trabalhos apostólicos*. São Paulo: Martins, 1943. Sobre o Padre Sepp, a Editora Unisinos publicou *Pe. Antônio Sepp, SJ: o gênio das reduções guaranis*. 3. ed. São Leopoldo: Unisinos, 2003, de autoria de Arthur Rabuske. Outro livro sobre o jesuíta é de autoria de Guillermo Furlong, *Antonio Sepp y su 'gobierno temporal'*. 1732. Buenos Aires: Theoria, 1962. (Nota da *IHU On-Line*)

¹¹ Ruínas de São Miguel – Conjunto arquitetônico situado em São Miguel das Missões, município no Planalto Meridional do Rio Grande do Sul, tombado em 1983 como Patrimônio Histórico da Humanidade. (Nota da *IHU On-Line*)

IHU On-Line - O que a luta de Sepé pode dizer ao Brasil de hoje?

Alcy Cheuiche - Que devemos valorizar todas as nossas etnias, principalmente a dos primeiros povoadores do Brasil, sem voz para defender-se. Os colonizadores portugueses e espanhóis diziam que os índios não tinham alma, que eram preguiçosos e cruéis. A experiência das Missões Guaranis é uma aula de antropologia social. Se o índio chegou a ser capaz de fabricar violinos artesanais de alta qualidade e tocá-los com virtuosismo, se foi capaz de alfabetizar-se na totalidade da população dos Sete Povos e produzir líderes como Sepé Tiaraju, que liam e escreviam em três idiomas (guarani, espanhol e latim), se conseguiu viver em harmonia econômica e social sem a presença do dinheiro, se nos deixou de "herança" dois milhões de cabeças de gado que determinaram a vocação agrícola do nosso povo (até a indústria coureiro-calçadista nasceu nas Missões), como alguns brasileiros podem envergonhar-se desse nosso sangue de origem oriental? Como alguns historiadores podem ficar do lado de Portugal e Espanha contra os nossos índios, ou seja, contra nós mesmos? Racismo, talvez. É a única explicação. Compêndios antigos nos ensinaram que os portugueses foram "obrigados" a buscar africanos para trabalharem nos canaviais, porque os índios eram indolentes. Assim, a culpa da escravatura passaria a ser dos índios. E algumas dessas asneiras ainda sobrevivem até em dicionários. O *Pequeno Dicionário da Língua Portuguesa* traduz o verbete "bugra" como "fêmea do bugre", negando-lhe o nome de mulher.

IHU On-Line - Quais as semelhanças e diferenças entre Sepé e os demais heróis gaúchos?

Alcy Cheuiche - Não gosto do termo herói e não o emprego nos meus livros. Sepé foi um líder verdadeiro, como alguns outros que lutaram por boas causas no Rio Grande do Sul. Na Revolução Farroupilha¹², a maior semelhança é com Garibaldi e a maior diferença com Bento Manoel Ribeiro¹³. Em 1893, a maior semelhança é com Gumercindo Saraiva¹⁴ e a maior diferença com Julio de Castilhos¹⁵. Em 1923, a

¹² Revolução Farroupilha – Também conhecida como Guerra dos Farrapos. Conflito separatista ocorrido entre 1835 e 1845 na então Província do Rio Grande do Sul, alcançando a região de Santa Catarina, na região Sul do Brasil. À época do período regencial brasileiro, o termo *farrapo* era pejorativamente imputado aos liberais pelos conservadores (*chimangos*) e com o tempo adquiriu uma significação elogiosa, sendo adotado com orgulho pelos revolucionários, de forma semelhante à que ocorreu com os *sans-cullotes* à época da Revolução Francesa. (Nota da *IHU On-Line*)

¹³ Bento Manoel Ribeiro (1783-1855) – Marechal na Revolução Farroupilha, grande estrategista tático, profundo conhecedor do terreno e grande capacidade de nele orientar-se. Durante a Revolução Farroupilha 1835-1845, em função de seu temperamento singular, adotou posições até hoje controversas e aparentemente inexplicáveis. Isso, ao combater, ora ao lado dos farrapos, ora ao lado dos imperiais, mas sempre desequilibrando, acentadamente, o prato da balança, em favor da causa que defendia. Inicialmente como farrapo, depois como imperial, novamente como farrapo e, finalmente, depois de mais de dois anos de neutralidade, lutou pela unidade do Império até o final da Revolução, como vaqueano-mor de Caxias. Por essa razão, entrou para a História do Rio Grande do Sul como a mais controversa personalidade do ponto de vista político e psicológico. (Nota da *IHU On-Line*)

¹⁴ Gumercindo Saraiva (1852-1894) Um dos comandantes das tropas rebeldes (maragatos) durante a Revolução Federalista. (Nota da *IHU On-Line*)

¹⁵ Julio de Castilhos (1860-1903) – Político gaúcho. Em 15 de julho de 1891, foi eleito Presidente do estado do Rio Grande do Sul. Com a queda de Deodoro da Fonseca, foi deposto em 3 de novembro do mesmo ano. Pouco mais de um ano depois, Júlio de Castilhos disputa uma eleição (sem concorrentes) e volta a ocupar o antigo posto. Empossado em 1893, contém a Revolução

maior semelhança é com Honório Lemes¹⁶ e a maior diferença com Borges de Medeiros¹⁷.

***IHU On-Line* - Podemos comparar, guardadas as devidas diferenças de contexto, Tiradentes e Sepé Tiaraju em função da causa que defendiam?**

Alcy Cheuiche - Acho que não. Tiradentes é uma vítima dos portugueses que sufocaram um movimento libertário do qual não era o líder. Sepé foi corregedor (prefeito) eleito de São Miguel Arcanjo, sendo um líder de fato e de direito do seu povo. O que os aproxima é que ambos foram valentes e morreram pelas mãos dos que negam (até hoje) a nossa soberania.

Federalista, de tendência parlamentarista e liderada por Gaspar Silveira Martins. Sobre Júlio de Castilhos, confira a edição 14 dos **Cadernos IHU Idéias**, intitulado *Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros: a prática política no RS*, de autoria de Gunter Axt, ano 2003. (Nota da *IHU On-Line*)

¹⁶ Honório Lemes (1864-1930) – Legionário maragato, conhecido no Rio Grande do Sul como “O Leão de Caverá” ou “O Tropeiro da Liberdade. Em 1893, participou da Revolução Federalista, movimento armado deflagrado no Sul do Brasil contra o governo do presidente Floriano Peixoto, estendendo-se até 1895. Em 1923, voltou a pegar em armas, dessa vez para lutar contra a posse de Borges de Medeiros no governo gaúcho, reeleito para o quinto mandato consecutivo, naquilo que passou a ser chamado de Revolução Legalista. Em 1925, Honório Lemes foi preso e levado para Porto Alegre. Logo, porém, conseguiu fugir e exilou-se na Argentina. (Nota da *IHU On-Line*)

¹⁷ Borges de Medeiros (1863-1961) – Político gaúcho. Foi presidente do estado do Rio Grande do Sul, indicado por Júlio de Castilhos e procurou dar continuidade ao projeto político do castilhismo, do qual foi um dos maiores representantes e fiel executor do positivismo. Manteve-se no poder de 1898 até 1928 e sua única interrupção como governante ocorreu no quinquênio de 1908-1913. Sobre Borges de Medeiros, confira a edição 14 dos **Cadernos IHU Idéias**, intitulado *Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros: a prática política no RS*, de autoria de Gunter Axt, ano 2003. (Nota da *IHU On-Line*)

IHU On-Line - Qual a contribuição de Sepé para a construção do imaginário gaúcho e indígena?

Alcy Cheuiche - Imaginem o que aconteceria se Sepé fosse retirado à força da nossa história, como querem alguns poucos "caramurus", como os farroupilhas chamavam os retrógrados que pediam, em 1835, a volta dos portugueses. Ficaria um vazio imenso em nosso imaginário e em nossa cultura. Se dependesse de mim, como já falam alguns de seus admiradores, o dia da morte de Sepé Tiaraju, 7 de fevereiro, deveria ser oficializado em todo o Brasil como "Dia da Consciência Indígena".

IHU On-Line - Qual é o contexto no qual Sepé afirmou a frase "Esta terra tem dono" e o que ele quis dizer com isso?

Alcy Cheuiche - Sepé Tiaraju, segundo historiadores que pesquisaram os arquivos do Exército Espanhol de Demarcação, pronunciou essa frase em fevereiro de 1753, às margens do rio Camaquã (entre os atuais municípios de Bagé e Caçapava do Sul). Além de dizer que a terra tinha dono, ele afirmou que ela fora dada aos índios por Deus e São Miguel Arcanjo. Disse isso em perfeito espanhol, o que foi bem entendido pelos invasores como a recusa de entregar sem luta a terra de seus ancestrais. Aliás, foi a primeira vez que Sepé uniu guaranis e charruas sob a sua liderança. A frase é usada por "gregos e troianos". É justo que sirva à causa das minorias raciais e sociais que lutam pelos seus direitos. Mas não pertence a ninguém, a não ser à nossa história.

IHU On-Line - Como se encontra em Sepé a cultura indígena e o cristianismo?

Alcy Cheuiche - Como já afirmei, é um símbolo histórico do índio missioneiro do século dezoito. Cristão praticante, sem

perder os valores fundamentais de sua raça. São Miguel, em 1756, tinha uma população de dez mil habitantes. Na mesma época, Buenos Aires tinha quinze mil. Assim, Sepé Tiaraju foi prefeito da segunda maior cidade do Cone Sul, na época, tendo sido eleito para o cargo. Respeitava os padres, como todos os líderes guaranis, no plano espiritual. No temporal, mantinham-se independentes, como provaram durante a Guerra Guaranítica¹⁸, resistência que a Companhia de Jesus¹⁹ não aceitou, embora alguns valentes, como os Padres Balda, Palácios e Miguel de Sotto tenham ficado com os índios até o fim. Parece-me claro que Sepé, ao não aceitar o Tratado de Madri²⁰, provou que os índios não eram escravos dos jesuítas, como alguns poucos ainda teimam em afirmar.

IHU On-Line - Deseja acrescentar algum aspecto que não foi perguntado?

Alcy Cheuiche - Sei que alguns intelectuais, como aconteceu em 1956, no bicentenário, não aceitam que Sepé Tiaraju faça parte do Panteon Rio-Grandense porque lutou contra os

¹⁸ Guerra Guaranítica: conflito ocorrido de 1750 a 1756, quando aconteceu a restrição do território original dos guaranis nas Missões Jesuíticas. (Nota da *IHU On-Line*)

¹⁹ Companhia de Jesus - Fundada em 1534 por um grupo de estudantes da Universidade de Paris, liderados por Ignácio de Loyola. Seus membros são chamados jesuítas. A esses religiosos coube papel destacado nos Sete Povos das Missões, na catequização dos índios daquelas localidades e no estímulo à vida comunitária. Hoje a Companhia de Jesus dedica-se, sobretudo, ao serviço da fé, a promoção da justiça, o diálogo cultural e inter-religioso. A Unisinos é uma universidade pertencente à Companhia de Jesus. (Nota da *IHU On-Line*)

²⁰ Tratado de Madri - Firmado na capital espanhola entre D João V, de Portugal, e D Fernando VI, da Espanha, em 13 de janeiro de 1750. Seu objetivo era definir os limites entre as respectivas colônias sul-americanas. (Nota da *IHU On-Line*)

espanhóis e portugueses, "contra o Brasil". Que eu saiba, ainda não existia a bandeira brasileira. E acredito, como os mexicanos que cultuam oficialmente Cuautêmoc, o último dos astecas a resistir contra os invasores espanhóis, que o sangue indígena que corre em nossas veias (ou o nosso DNA como é mais moderno dizer) nos instiga a valorizar essa etnia e sua resistência ao invasor

(cujo DNA também está em nós). Essa postura é muito mais ampla, muito mais universal e se coaduna com a luta pela paz e harmonia neste tão maltratado planeta. Imaginem o ridículo de negarmos a Sepé Tiaraju o direito de ser nosso, depois que a própria ONU reconheceu as nossas Ruínas de São Miguel como patrimônio da humanidade.

"Sepé já foi canonizado por índios e pobres"

Entrevista com Antonio Cechin

Para o irmão marista Antônio Cechin, um dos líderes na campanha de canonização de Sepé Tiaraju, ela será uma "alavanca" para "soerguer a auto-estima desses povos e para desencadear o levante indígena por terra, justiça e direitos humanos". O religioso lamenta a situação dos índios no Brasil, que "continuam até hoje vilipendiados pela sociedade envolvente, que os transformou em verdadeiros parias da civilização ocidental". A entrevista foi realizada por e-mail.

Cechin é licenciado em Letras Clássicas e bacharel em Ciências Jurídicas. Atua hoje como agente de pastoral em diversas periferias da grande Porto Alegre, organiza Comunidades Eclesiais de Base (CEB's) e assessor de grupos de catadores e recicladores. Foi professor por 15 anos no Colégio Rosário, em Porto Alegre, diretor do Colégio Marista São Luís, de São Leopoldo, secretário da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da PUCRS, assessor do Movimento de Ação Católica (JEC: Juventude Estudantil Católica) e co-fundador do Movimento Nacional Fé e Política, entre dezenas de outras atividades importantes.

***IHU On-Line* - Por que acredita que Sepé Tiaraju deva ser canonizado?**

Antônio Cechin - Antes de mais nada, Sepé já é santo canonizado popularmente pelos índios e pelos pobres do Rio Grande do Sul. Ao comemorar os 250 anos de seu martírio, no ano de 2006, índios e pobres das Comunidades

Eclesiais de Base vão tornar a canonizá-lo de maneira popular. Isso porque, no entender do povo, Sepé lutou para implantar os valores humanos e cristãos que cultivou durante toda a sua vida pessoal e comunitária, entre os guaranis. Por causa de sua luta, particularmente por justiça e por terra para os Sete Povos, foi morto. É um santo mártir. Quem

assim morre, entra automaticamente no rol dos santos canonizados pelo próprio Jesus Cristo: “Não há maior prova de amor do que dar a vida por aqueles a quem se ama”. Jesus Cristo, o Santo dos santos, é o que encabeça a lista dos mártires, crucificado por causa do Reino de Deus que queria implantar. A canonização oficial por parte da Igreja, grande instituição, é apenas um rito que confirma o martírio perante todo o mundo católico.

***IHU On-Line* - Qual a importância da canonização de Sepé para os povos indígenas, que já o veneram como um herói e santo?**

Antônio Cechin - Canonizar Sepé é, em primeiro lugar, reconhecer que os índios das Missões estavam muito bem evangelizados e catequizados pelos padres. Ao invocarem Sepé como santo, nada mais fizeram do que imitar os cristãos de Roma, no tempo dos apóstolos Pedro e Paulo. Quando algum cristão tombasse pela mão dos perseguidores, resgatavam-lhe o corpo e o sepultavam com todas as honras, nas catacumbas. Imediatamente o invocavam como santo e protetor junto de Deus, sem necessidade de processo canônico de espécie alguma. O túmulo do mártir funcionava como altar, sobre o qual o sacerdote celebrava a missa. Isso aconteceu, por exemplo, com os próprios apóstolos Pedro e Paulo, Cecília, Tarcísio, Inês e dezenas de outros.

A importância da canonização cresce, quando olhamos para a situação em que se encontram os índios de hoje, no Rio Grande e no Brasil. Não acredito que haja alavanca maior do que a canonização, para soerguer a auto-estima desses povos e para desencadear o levante indígena por terra, justiça e direitos humanos, à semelhança do que já está acontecendo, por exemplo, em nossos países vizinhos como Bolívia, Equador, Peru, Venezuela e

Paraguai. Em todo o Brasil, os índios continuam até hoje vilipendiados pela sociedade envolvente, que os transformou em verdadeiros párias da civilização ocidental. O Movimento Indígena Brasileiro está ainda muito fraco, se comparado com o de outros países.

***IHU On-Line* - Como o Vaticano interpretará a solicitação da canonização de Sepé Tiaraju?**

Antônio Cechin - Ainda não chegamos até lá. Nós queremos aproveitar a efeméride dos 250 anos do martírio de Sepé e companheiros, para dar alguns passos importantes. Para o Vaticano, que até pouco tempo dava prioridade absoluta às instâncias da cúria romana²¹, pelas últimas reformas que houve na Igreja, a diocese local em que o mártir viveu e morreu, passou a ter primordial importância. Isso é fruto do Concílio Vaticano II²², que definiu a Igreja como o

²¹ Cúria Romana - Órgão administrativo do Estado do Vaticano, constituído pelas autoridades que coordenam e organizam o funcionamento da Igreja Católica. É geralmente vista como o governo da Igreja. *Curia* no latim medieval significa “corte” no sentido de “corte real”, assim, a Cúria Romana é a corte papal, que assiste o Papa nas suas funções. A importância da Cúria Romana cresceu ao longo da história da Igreja, tendo o seu apogeu durante a época de exercício de poder temporal que terminou no século XIX, com a unificação da Itália e a extinção dos Estados Papais, formalmente concluída em 1929 com os Tratados de Latrão. Desde então, a Cúria deixou de se ocupar com a administração dos antigos Estados Papais, e, dada a reduzida extensão do território do Vaticano, dedica-se ao apoio à ação papal, à diplomacia e à gestão política. (Nota da ***IHU On-Line***)

²² Concílio Vaticano II - Foi convocado no dia 11 de outubro de 1962 pelo Papa João XXIII. Ocorreram quatro sessões, uma em cada ano. Seu encerramento deu-se a 8 de dezembro de 1965, pelo Papa Paulo VI. A revisão proposta por este Concílio estava centrada na visão da Igreja como uma congregação de fé, substituindo a concepção hierárquica do concílio anterior, que declarara a infalibilidade papal. As transformações que introduziu foram no sentido da democratização dos ritos, como a missa dita em vernáculo, aproximando a Igreja dos fiéis dos diferentes

Povo de Deus. O povo, hoje, tem prioridade absoluta sobre a hierarquia. Embora esta seja importante, é apenas segunda. É um serviço ao Povo de Deus. O próprio Papa deu sinais, ultimamente, nessa direção, canonizando santos fora da “glória de Bernini” na Basílica de São Pedro. Preferiu o local onde viveram e morreram, como foi o caso de Madre Paulina, no Brasil; dos mártires rio-grandenses Roque, Afonso e João, martirizados no Caaró e canonizados em Assunción, no Paraguai; o índio Juan Diego, vidente de Nossa Senhora de Guadalupe, no México. O povo de Deus dos Sete Povos das Missões fez a sua parte e já espera 250 anos para que a Igreja oficial faça a parte dela. A Igreja até agora não se pronunciou nem contra nem a favor. Por isso a causa está em aberto.

Com relação ao nosso Sepé, além de vencer um entrave local, temos que aguardar um avanço na Cúria Romana. Localmente, a Igreja rio-grandense deve querer a canonização. O entrave que dificulta de alguma maneira o avanço da pressão sobre a Igreja oficial, dos que querem a canonização, encontra-se no fato de que as autoridades públicas do Rio Grande, em épocas passadas, negaram a Sepé até mesmo um monumento em praça pública, desclassificando-o como herói rio-grandense. Ora, para o povo gaúcho, Sepé é, antes de mais nada, um grande herói, talvez o maior das Américas, porque ninguém como ele, enfrentou as duas grandes potências militares de então – Espanha e Portugal – que provocaram por

países. Este Concílio encontrou resistência dos setores conservadores da Igreja, defensores da hierarquia e do dogma estrito, e seus frutos foram, aos poucos, esvaziados, retornando a Igreja à estrutura rígida preconizada pelo Concílio Vaticano. O *Instituto Humanitas Unisinos – IHU* promove, de 11 de agosto a 11 de novembro, o *Ciclo de Estudos Concílio Vaticano II – marcos, trajetórias e perspectivas*. (Nota da *IHU On-Line*)

aqui o maior genocídio da história. Queriam transformar a sua querida *Terra Sem Males* em *Terra de Todos os Males* e foi mesmo o que aconteceu. Para os que são cristãos, além de herói, um santo. O herói tem monumento em praça pública, e o santo vai para os altares.

O avanço na Cúria Romana deve acontecer por força do Concílio Vaticano II e da Teologia da Libertação²³. Sepé, como todos os “Mártires da Caminhada” – como são designados os dos últimos anos na América Latina, por causa da opção pelos pobres – não se enquadram no atual perfil do mártir definido pela Cúria. Para esta, só é mártir quem é morto “por explícito ódio à fé.” Nossos mártires aqui no continente – e Sepé, nesse sentido, se adiantou no tempo – não foram mortos diretamente por serem cristãos. Foram mortos, isto sim, por quererem transformar o mundo com base nos valores profundamente humanos e, como tais, também profundamente cristãos, que professavam. Aqui se morre “peleando” como diz o hino a Sepé. Nada de morrer na cama.

IHU On-Line - Como vê a relação da Igreja nos Sete Povos das Missões?

Antônio Cechin - Os índios cristãos dos Sete Povos, assessorados pelos padres jesuítas, que eram os representantes da Igreja oficial, durante 150 anos de paz, viveram uma relação fraterna de total solidariedade e no melhor espírito democrático. Essa paz e essa solidariedade, naturalmente, foram quebradas quando da assinatura e da execução do Tratado de Madri, no ano de 1750, entre os reis de Espanha e Portugal.

²³ Teologia da Libertação - Escola importante na teologia da Igreja Católica, desenvolvida depois do Concílio Vaticano II. Ela surge na América Latina, a partir da opção pelos pobres, e se espalha por todo o mundo. O teólogo peruano Gustavo Gutierrez é um dos primeiros que propõe esta teologia. A teologia da libertação tem um impacto decisivo em muitos países do mundo. (Nota da *IHU On-Line*)

Padres e índios passaram a ser “perseguidos no templo e no pretório.” Alguns padres ficaram o tempo todo do lado dos índios, contra as ordens oficiais, quer do rei, quer da Igreja como instituição, que, no caso dos padres, era o Superior Geral em Roma. Outros padres, querendo obedecer à oficialidade, acabaram se desentendendo com os índios. Será que podia ter sido diferente? Tanto os padres quanto os índios fizeram de tudo, para que o tratado fosse revogado. Não conseguiram, e os índios, chefiados pelo prefeito de São Miguel, que era Sepé Tiaraju, partiram para a guerra, gritando de dentro de seu sofrimento máximo: “Esta terra é nossa!... É terra guarani!... Foi Deus e seu Arcanjo Miguel que no-la deram!... Só eles nos podem deserdar!” Esse grito de liberdade foi-lhes sufocado na garganta num mar de sangue.

IHU On-Line - Sepé continua sendo uma referência para os guaranis?

Antônio Cechin - No ano passado, no dia 7 de setembro, fomos com três ônibus de guaranis da Região Metropolitana, para realizar o *Grito Indígena dos Excluídos*, nos lugares sagrados em que tombaram seus mártires no município de São Gabriel, que os índios jamais tinham visitado. A emoção de que foram tomados, as lágrimas, os cantos, as danças, os discursos bilíngües, representaram para mim o testemunho mais eloqüente do quanto os guaranis de hoje se sentem os herdeiros de Sepé e dos companheiros mártires.

IHU On-Line - Como analisa a influência de Sepé na construção da história gaúcha?

Antônio Cechin - Infelizmente, a história das Missões Jesuíticas não é ensinada nas escolas. Priva-se, assim, a juventude do Rio Grande de fazer da “Grande Experiência” um referencial

permanente para um mundo diferente deste em que hoje vivemos. Queremos começar a suprir esta lacuna. O “Ano Sepé Tiaraju – 2006” tem como um dos objetivos tirar a cinza que cobre a história dos índios em nosso Estado. Será o ano do resgate, do acerto histórico do Rio Grande consigo mesmo. Grande parte do progresso do Rio Grande se deve às Missões Jesuíticas, haja vista a criação de gado que foi a base da economia gaúcha, a indústria coureiro-calçadista, a metalurgia, o cultivo da erva-mate, sem falar, naturalmente, nas artes como a música, a escultura, etc. Quando se fala hoje no Fórum Social Mundial de que “um mundo novo é possível”, nos esquecemos de que este mundo já existiu em nosso solo, baseado numa economia eminentemente solidária. Não dá nem mesmo para imaginar o que seria hoje nosso Rio Grande, se, no embate dos Sete Povos com a Espanha e Portugal, os índios tivessem vencido.

E a Igreja do Rio Grande?... Os judeus tinham orgulho de dizer que seu pai na fé era o patriarca Abraão. No Rio Grande, deveríamos afirmar e ter orgulho em dizer que nosso pai na fé é o cacique Languiru que foi buscar, do outro lado do Uruguai, os padres Roque, Afonso e João. Resumindo: as Missões dos Sete Povos deveriam ser um referencial permanente, tanto para a sociedade gaúcha como para a Igreja, se é verdade que “a história é mestra da vida”, como diziam os antigos.

IHU On-Line - Em termos atuais, qual é a relação entre Igreja e populações indígenas? Quais os projetos da Igreja para essas comunidades?

Antônio Cechin - Já por duas vezes acompanhei *Campanhas da Fraternidade* da Igreja, centradas na questão indígena. Fiquei decepcionado. Começa com o fato de que, para as comunidades cristãs, o tema “índios” é sempre um tema muito periférico, porque eles não estão no

centro das cidades. Quando rezamos ou celebramos, não há índios entre nós. Eles se encontram longe. Por este simples fato, nunca nos sensibilizamos com o tema.

Um exemplo: no Natal de dois anos atrás, a administração pública local retirou os índios kaingang, que ocuparam o Morro do Osso, porque afirmam lá existir ainda vestígios de um cemitério, provando ser terra tradicionalmente indígena, de maneira selvagem, praticando verdadeira desumanidade. Soubemos depois que a área já estava sob verificação de caráter antropológico, pelo órgão federal competente, que é o único com autoridade para dizer se é terra de índio ou não. Fatos como este, não provocaram absolutamente nenhuma indignação ética, nem de parte da sociedade, nem de parte da própria Igreja, nem mesmo da mídia. Desde que me conheço por gente, não vi vontade política na sociedade ou na Igreja local de resolver o problema da terra para os índios. São sempre arremedos de soluções. Pessoalmente, acho que os parques ecológicos todos, do Brasil, deveriam ser entregues aos cuidados dos índios que são preservacionistas de nascença e se há algo preservado, no fundo, foi fruto do cuidado deles.

IHU On-Line - Acredita que o jugo dos índios e jesuítas pelas coroas espanhola e portuguesa continua, em certa medida, mas em outras circunstâncias?

Antônio Cechin - Desde que a Igreja da América Latina optou pelos pobres, no ano de 1968, a tragédia vivida pelas Missões dos Sete Povos, provocada pelo Tratado de Madri, se repete de maneira quase análoga. Há prisões, torturas, mortes por parte do Estado e por parte das classes dominantes. Perseguição interna também, por parte dos setores conservadores da Igreja. “Somos perseguidos no templo e no pretório” na

expressão do bispo D. Pedro Casaldáliga²⁴. Todos temos bem viva na lembrança, a morte da Irmã Dorothy Stang²⁵, religiosa norte-americana, de 73 anos de idade e com quase 30 anos de trabalhos no Brasil, covardemente assassinada por pistoleiros, a mando de latifundiários. O fenômeno Sepé se repetiu à letra. Os Sem-Terra que ela ajudava a organizar, ao saber da morte, a declararam heroína e santa. Imediatamente batizaram o novo assentamento de “Irmã Dorothy”. Como os pistoleiros não a mataram por ser ela uma cristã, mas sim porque ela instilava valores cristãos e organizava comunidades, que podiam melhor se

²⁴ D. Pedro Casaldáliga foi bispo prelado de São Félix, MT. É poeta e escritor de renome internacional. Quando assume a prelazia de São Felix, em pleno regime militar, denuncia veementemente o latifúndio e defende a reforma agrária e o direito indígena à terra. Foi duramente perseguido pelo regime militar. Pe. João Bosco Penido Burnier, jesuíta, foi assassinado ao lado dele, no dia 12 de outubro de 1976. A edição 137 da *IHU On-Line*, de 18 de abril de 2005, publicou uma entrevista com Casaldáliga: *O próximo pontificado será um tempo de transição significativo*. A edição 89, de 12 de janeiro de 2004, trouxe entrevista com o religioso, falando sobre a homologação de terra contínua para índios. (Nota da *IHU On-Line*)

²⁵ Dorothy Mae Stang (1931-2005) - Freira norte-americana, naturalizada brasileira. Pertencia à congregação das Irmãs de Nossa Senhora da Namur. Em 1966 iniciou seu ministério no Brasil, na cidade de Coroatá, no Estado do Maranhão. Atuou ativamente nos movimentos sociais no Pará. Sua participação em projetos de desenvolvimento sustentável ultrapassou as fronteiras da pequena Vila de Sucupira, no município de Anapu, no Pará, ganhando reconhecimento nacional e internacional. A religiosa participava da Comissão Pastoral da Terra (CPT) e da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) desde a sua fundação. Defendia uma reforma agrária justa. Irmã Dorothy Stang foi assassinada, com sete tiros, aos 73 anos de idade, no dia 12 de fevereiro de 2005, a 53 quilômetros da sede do município de Anapu. Para maiores detalhes sobre o fato, consulte as *Notícias Diárias* dessa data, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos (IHU), endereço www.unisinos.br/ihu. (Nota da *IHU On-Line*)

defender, se por acaso. a diocese a quiser canonizar oficialmente, terá que fazer um levantamento da “heroicidade das virtudes” pessoais da Irmã. Roma não aceitará que ela tenha sido mártir. Ela será canonizada como confessa, que é o segundo tipo de santos da Igreja, ao lado dos mártires.

***IHU On-Line* - Qual era o tipo de sociedade pelo qual Sepé lutava?**

Antônio Cechin - A sociedade que padres e índios queriam construir inspirava-se nas comunidades cristãs primitivas, descritas nos Atos dos Apóstolos, da Bíblia. O princípio básico era: “de cada um de acordo com suas possibilidades para cada um de acordo com suas necessidades”. A aplicação desse princípio, segundo Clóvis Lugon, muito antes de se falar em comunismo, acabou construindo a “República Comunista Cristã dos Guaranis”.

A relação de povoamento do Brasil meridional com as sociedades indígenas é um processo etnocida

Entrevista com Tau Golin

O historiador Luiz Carlos Tau Golin, em entrevista por e-mail à *IHU On-Line*, ressalta que a história de Tiaraju “demonstra a incompatibilidade da associação do gaúcho com o missionário, realizada pela indústria da identidade tradicionalista”. Outra impropriedade seria atribuir ao guarani a frase “Esta terra tem dono”, já que esta era “originalmente da correspondência dos cabildos missionários ao governador de Buenos Aires”. Sobre os índios de nossos dias, Golin pondera que eles “possuem demandas demarcatórias e de reinvenção em um processo de reconstrução de um passado perdido e espoliado, entretanto em uma perspectiva ideológica de “vir a ser” tendo como pressuposto uma utopia”. Desse modo, não é uma defesa das terras a que se propõe, e sim, uma recuperação.

Golin é jornalista e historiador, graduado pela UFRGS, mestre em História do Brasil pela PUCRS, com a dissertação *José Custódio de Sá e Faria e a Guerra Guaranítica*, e doutor em História, pela mesma instituição, com a tese *A Fronteira Brasil-Uruguai: Estado e movimentos espontâneos na fixação dos limites do Rio Grande do Sul*. Atualmente, leciona na Universidade de Passo Fundo no curso de História, Faculdade de Artes e Comunicação e no Mestrado em História. De sua vasta obra, destacamos: **Sepé Tiaraju**. Porto Alegre: Tchê!, 1985; **A Guerra Guaranítica**. Porto Alegre; Passo Fundo: Editora da Universidade-Ufrgs; UPF Editora, 1998; **Etnocídio e herança indígena**. Passo Fundo: UPF Editora, 1999; **O povo do pampa**. Porto Alegre; Passo

Fundo: Sulina; UPF Editora, 1999; **Identidades. Questões sobre as representações socioculturais no gauchismo**. Passo Fundo: Clio; Méritos, 2004. Golin foi entrevistado pela *IHU On-Line* de 15 de setembro de 2003, edição 75, sob o título *Movimento tradicionalista: um signo a serviço do conservadorismo*.

***IHU On-Line* - Qual a contribuição de Sepé Tiaraju na configuração das fronteiras do Rio Grande do Sul e do Brasil?**

Tau Golin - A presença de Sepé nas questões fronteiriças deve ser compreendida na perspectiva da existência histórica das Missões. O complexo missionário, formado pela parceria entre o jesuíta e o guarani, fazia parte de um projeto geopolítico no âmbito da ocupação ibérica da América. As cidades, estâncias, ervais, chácaras, etc., constituíam um bloco fronteiriço como propriedades dos povos, a parte mais avançada no território colonial espanhol. Assim, a Província Jesuítica do Paraguai, da qual os Sete Povos (no atual Rio Grande do Sul) fazia parte, era o espaço de fricção com o projeto expansionista português, palco de guerras e sabotagens. Sepé Tiaraju, inicialmente no posto de alferes de São Miguel, exercia a função de polícia. Com a sua milícia, cuidava da ordem interna, patrulhava os campos, vistoriava as estâncias, especialmente a de Santa Tecla, imensa região que se estendia pelo pampa até o norte uruguaio, e que tinha a sua sede principal no atual município de Bagé. Nesse trabalho, Sepé enfrentava basicamente os gaúchos, os chamados malfeitores do campo, que atacavam as estâncias missionárias para arrear (roubar) os gados para os latifúndios particulares que estavam em formação, tomando conta do território desde o litoral, ou, depois de abatidos e convertidos em mercadorias (sebo, guampa, couro, etc.), vendidos para o mercado. Com a desobediência missionária ao Tratado de Madri (1750),

o exército português chegou a Rio Pardo e Passo do Jacuí em 1754. Essas tropas foram atacadas por Sepé e outras lideranças indígenas. Por fim, em razão do desacerto temporário entre portugueses e espanhóis, os missionários fizeram um acordo com Gomes Freire de Andrada, comandante luso-brasileiro, e fixaram uma fronteira pelo rio Jacuí. Sepé não assinou o documento porque era alferes e esta era atribuição de corregedor, cargo que Tiaraju viria a assumir depois, durante as operações da Guerra Guaranítica.

***IHU On-Line* - Qual a posição ocupada por Sepé nas guerras guaraníticas travadas nas Missões?**

Tau Golin - Já no posto de corregedor de São Miguel, Tiaraju comandava exclusivamente a milícia de seu povo, pois os missionários não possuíam exército organizado segundo os preceitos europeus, formando um corpo único e comando centralizado e hierarquizado. As milícias guaranis defendiam inicialmente as suas cidades e terras. Diante de um inimigo superior, as parcelas guaranis se associavam para enfrentá-lo. Por esse motivo, quando os exércitos coligados de Portugal e Espanha ingressaram em Santa Tecla, a milícia miguelista realizou o primeiro enfrentamento, sob o comando de seu corregedor, Sepé Tiaraju. Diante de um inimigo poderoso, Sepé adotou uma tática guerrilheira, com uma concepção de guerra de movimento. Para ele, a guerra de posição seria adotada somente em posição vantajosa. E pensava em adotá-la na picada da Boca do Monte,

entre Santa Maria e São Martinho, na época de difícil trânsito e subida. Entretanto, em uma escaramuça, no território correspondente à atual cidade de São Gabriel, Sepé foi morto no dia 7 de fevereiro de 1756, recebendo inicialmente o golpe de lança de um gaúcho "luso-brasileiro" e, depois, o tiro de misericórdia da pistola do governador de Montevideu. A história de Tiaraju demonstra a incompatibilidade da associação do gaúcho com o missioneiro, realizada pela indústria da identidade tradicionalista. Os gaúchos, por suas raízes bandoleiras, ou a serviço dos interesses ibéricos, sempre foram instrumentos de desestabilização e, por fim, destruição das Missões. O exército invasor, em grande parte, era formado por gaúchos, principais responsáveis pela chacina de Caiboaté.

IHU On-Line- Como relaciona o povoamento do Brasil meridional com as sociedades indígenas que habitaram essa região?

Tau Golin - Na verdade, trata-se de um longo processo etnocida. Dos quatro povos principais existentes no Rio Grande do Sul, os pampianos - charruas e minuanos - foram extintos. Em seus espaços, estabeleceram-se os latifúndios particulares. Os guaranis e os kaingang são sobreviventes. Hoje, aproximadamente quinze mil índios reivindicam seus territórios e a contrapartida do espoliamento executado pelo estado-nação. Entretanto, apesar desse extermínio, a população indígena volta a crescer, novas lideranças assumem a luta histórica e estão cobrando a conta. Outros aspectos da presença indígena na população dizem respeito à mestiçagem e aos hábitos e costumes. Apesar de não-visíveis nessa relação, isto é, representadas simbolicamente, informações, segundo as quais a chamada "comida caseira", é alimentação indígena

são completamente ignoradas. Mais de cinquenta produtos da alimentação básica: erva-mate, espetada de carne (churrasco), batatas, morangas, abóboras, milho, feijão, mandioca, polenta (mingau de aipim substituído pela farinha de milho endurecida) resultam da experimentação imigrante.

IHU On-Line - Como Sepé é visto pelo imaginário regional e indígena do Rio Grande do Sul?

Tau Golin - Infelizmente, ele se converteu em unanimidade. Para alguns, é o brado local contra o interesse estrangeiro; para outros, a vítima dos poderosos que ousou se rebelar; e, ainda, a bandeira da propriedade privada, por meio da manipulação de uma frase, originalmente oriunda da correspondência dos cabildos missioneiros ao governador de Buenos Aires, atribuída a ele: "Esta terra tem dono".

IHU On-Line - Como entende a apropriação das lutas de Sepé pela cultura gaúcha?

Tau Golin - Apesar de ente histórico, vigora o Tiaraju da literatura e do debate historiográfico. O primeiro Sepé publicizado foi o ficcional de Simões Lopes Neto. Depois, ele assumiu lugar privilegiado no debate entre as correntes historiográficas lusitana e platinista. A primeira vinculava o Rio Grande do Sul exclusivamente ao projeto português e, portanto, rejeitava a contribuição missioneira. A segunda defendia o lugar missioneiro na história rio-grandense. É importante perceber Sepé no seu tempo e inserido no mundo missioneiro. Fora disso, é ideologia e disputas fora da história.

IHU On-Line - É possível relacionar os conflitos territoriais da época de Sepé aos que hoje os índios continuam a travar?

Tau Golin - Não! Tiaraju era um missioneiro, ou seja, um índio cristão que sequer passou pelo processo de catequese. Ele já nasceu em uma sociedade jesuítico-guarani que, inclusive, se diferenciava dos grupos tribais guaranis que, nos séculos XVII e XVIII, mantiveram sua organização milenar e existiram concomitantemente com a missioneira. Uma das distorções históricas é representada pela visão de que "todos" os guaranis foram missioneiros. Dessa forma, Sepé lutou pela sociedade missioneira. Os índios atuais possuem demandas demarcatórias e de reinvenção em um processo de reconstrução de um passado perdido e espoliado, entretanto em uma perspectiva ideológica de "vir a ser", tendo como pressuposto uma utopia. Eles não estão "defendendo" e, sim, "recuperando" e se "reinventando" com base em seus antepassados distantes, no geral por meio de "mitos fundadores", mas com preocupações de inserção no Estado-Nação. Esse acerto histórico, em muitos aspectos não será mais possível. Por isso, ao menos no aspecto material, eu defendo o "imposto indígena" a ser pago pelas cidades dos intrusos (leia-se do Estado-nação).

***IHU On-Line* - De que modo Sepé Tiaraju incorpora a estética sulina? Acredita que sua presença ajudou a escrever a história do nosso Estado?**

Tau Golin -Pode-se dizer que, como personagem, auxiliou para que as Missões e a platinação rio-grandense fosse percebida.

***IHU On-Line* - Como situa a ideologia contida no desmantelamento das Missões Jesuíticas?**

Tau Golin - Significou a vitória do projeto do Estado centralizado e da propriedade privada sobre formas

coletivas de propriedade do povo, como era o missioneiro. O curioso é que sucedâneos europeus desse projeto social, hoje, utilizem a figura de Sepé para seus interesses privados e do latifúndio, cuja existência histórica representa exatamente o contrário. Um CTG (estrutura recreativa do latifúndio patronal usurpador do mundo missioneiro) com a denominação de Sepé Tiaraju exemplifica o quanto é poderosa a manipulação do imaginário.

***IHU On-Line* - Como caracterizaria o cristianismo vivido por Sepé?**

Tau Golin - Tiaraju foi criado no âmbito do claustro. Portanto, era um índio devoto. Os cargos que assumiu no povoado de São Miguel só eram possíveis aos caciques "enquadrados". E, quando morreu, foram encontradas com ele orações impressas. Entretanto, Sepé perpassava sua devoção por elementos da cultura indígena, especialmente nos elementos de similitude com a cristã, a exemplo da crença na aparição e na revelação dos sonhos, em que as crianças aparecem como mediadores dos santos. Aliás, a sua mudança de posição de corregedor "obediente" ao abandono das terras, como tentaram os jesuítas, cumprindo ordens do rei espanhol, para "rebelde" (o que desgostou alguns padres) se deve ao discurso de um indiozinho, dizendo que São Miguel tinha aparecido e dito que não abandonassem as terras, as quais haviam sido dadas pelo santo e somente ele poderia retirá-las. Sepé, de certa forma, representa os desencontros e procuras das identidades sulinas. Representa a dificuldade de uma formatação cívico-patriótico-pilcha gauchescamente, como pretende o tradicionalismo.

As vidas de Sepé

Entrevista com Eliana Inge Pritsch

Eliana Pritsch é professora no Curso de Letras da Unisinos. É graduada, mestre e doutora em Letras pela UFRGS. Sua tese de doutorado intitulada *As vidas de Sepé*, É autor de *Litterae Latinae: ensaios de literatura latina*. São Leopoldo: COOPRAC, 1998. Na entrevista concedida à *IHU On-Line* por e-mail, a pesquisadora fala sobre as diferentes apropriações que o guarani recebeu. Por isso, para ela, “é como se a cada apropriação surgisse um novo Sepé”.

No *Seminário Erico Verissimo: vida, obra e atualidade*, em 14 de setembro, Eliana apresentou o minicurso “*A fonte, em O Continente: fundação histórica e literária*”.

IHU On-Line- Como podemos caracterizar as vidas de Sepé?

Eliana Pritsch- Quando falo em vidas de Sepé, título de minha tese de doutoramento, tento expressar a diversidade de apropriações que a figura desse índio provocou ao longo dos tempos. Há não só abordagens diferenciadas em virtude das diversas áreas do conhecimento – história, antropologia, literatura, sociologia – mas também uma multifacetada apropriação de sua figura pela mesma área no decorrer dos anos. Assim, é como se a cada apropriação surgisse um novo Sepé, uma faceta realçada de acordo com a época. A construção dessa imagem não está acabada, nem tampouco é uniforme, e a própria iconografia pode atestar a diversidade de representação. Que imagens representam Sepé? Um típico guarani? Um índio cristianizado? Um luso-brasileiro do período colonial? Um hispânico? O que calçaria nos pés? E seu cavalo? Que tipo de arreios teria? Por isso, quando Manoelito de Ornellas publica *Tiaraju* em 1945, traça um perfil perfeitamente adequado ao repertório folclórico, religioso e moral luso. Introduz, literariamente, uma companheira para Sepé que será cortejada em jogos de argolas, de cristãos e mouros bem documentados no folclore

gaúcho. Seu cavalo está garbosamente enfeitado. No registro, por exemplo, do diário do Pe. Tadeu Enis, a fuga de Sepé do Forte de Rio Pardo se dá montando em pêlo um cavalo. Nas últimas apropriações, mais ligadas ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra e às lutas populares, Sepé aparecerá como marca de resistência, mas não como símbolo de nobreza.

IHU On-Line- A epopéia de Sepé encontra atualidade entre as comunidades indígenas?

Eliana Pritsch- Se levarmos em conta o fracasso da luta empreendida por Sepé, sim. E não é certamente esse o motivo pelo qual as comunidades indígenas possam buscar uma identificação com Sepé, mas sim com a sua disposição à luta pela sua terra. Recentemente, quando do lançamento do Projeto de Lei, na Assembléia Legislativa do Estado, em 22 de junho deste ano, o cacique guarani Maurício da Silva Gonçalves²⁶ falou ao público presente, dizendo textualmente que a luta de Sepé não estava acabada, permanecia viva. Ainda mais, a luta de

²⁶ Confira a entrevista concedida por Maurício da Silva Gonçalves nesta edição, intitulada “*Sepé representa a luta pela nossa dignidade*”. (Nota da *IHU On-Line*)

hoje não era mais ou menos importante do que a que fora travada no passado.

A epopéia de Sepé serve como valorização de uma etnia formadora e da discussão da inserção do índio na nossa sociedade, do legado missioneiro e da revisão de um passado histórico que deve ser feita. Mas a situação do índio missioneiro guarani reduzido nas Missões não encontra similar na dos índios das comunidades atuais remanescentes e a diferença básica reside na própria diferença cultural e religiosa que as Missões representavam. A luta dos índios de hoje absolutamente não é a mesma da luta de 250 anos atrás, nem os valores culturais e religiosos missioneiros daquela época são aqueles que as atuais comunidades buscam preservar como traços identitários da cultura guarani.

IHU On-Line- De que modo a literatura aborda o mito de Sepé?

Eliana Pritsch- Sepé, desde as primeiras manifestações, foi identificado como um herói capaz de defender sua terra e fazer oposição quer a portugueses, quer a espanhóis, uma vez que, por ocasião da execução do Tratado de Madrid de 1750, os exércitos de Portugal e Espanha encontravam-se aliados. Na documentação histórica, o nome de Sepé já aparece, reforçando a sua existência concreta e seu papel de destaque, ainda que não exclusivo. A mitificação de Sepé ocorreu, no texto escrito, pelo viés literário. Desde *O Uruguai*, de Basílio da Gama²⁷, já destaca os valores épicos desse herói, porque é valente, tal como o lendário Aquiles. A morte não é aniquilamento, mas está revestida da grandeza épica, a morte é que confere

²⁷ José **Basílio da Gama (1740-1795)** - Poeta luso-brasileiro. Entrou em 1757 para a Companhia de Jesus. Em 1769 publica o poema épico *Uruguai*, que tem por assunto a guerra movida por Portugal aos índios das missões do Rio Grande do Sul. Confira *Obras poéticas de José Basílio da Gama*. São Paulo: EDUSP, 1996. (Nota da *IHU On-Line*)

contornos de heroicidade a Sepé. Se a documentação histórica não lhe atribui muita importância, não personificando na sua pessoa as ações da guerra guaranítica, pouco a pouco, lenda e a literatura começam a apontar para Sepé uma convergência de fatores, configurando-o como o único herói de destaque. Por exemplo, o relato do Pe. Juan Escandón S.J., *História do Rio Grande do Sul*, publicado em 1760, atesta que, no encontro entre os índios e o governador Gomes Freire de Andrade, às margens do Rio Jacuí, coube ao Corregedor da Missão de Conceição (Nicolau Nhenguiru) o famoso afrontamento com as seguintes palavras:

“Beijar eu a mão de teu General?! Por que haveria de fazê-lo? Acaso estou eu em suas terras e não ele nas minhas? (...) Dize-lhe, pois, que não pretendo descer do meu cavalo, nem ainda me rebaixar ao beijo de sua mão!”

“Dize a esse índio que eu digo que ele é um bárbaro!”

“Pois dize-lhe que eu digo que mais bárbaro é ele próprio!”
(ESCANDÓN, 1983, p. 266-267)

Esse episódio, por exemplo, será atribuído, invariavelmente, a Sepé, ainda que este nem estivesse presente naquela oportunidade. Erico Veríssimo, Manoelito de Ornellas, Alcy Cheuíche subvertem essa questão. Se é uma inverdade histórica (e não tenho dúvida), é também a consolidação do mito, porque individualiza e personifica em Sepé toda a saga de um povo: nada mais próximo do próprio conceito de epopéia. Todos os fatos heróicos acabam recaindo sobre a figura de Sepé em detrimento dos demais guaranis. Assim, esse mito foi ganhando cada vez maior detalhamento, versões, mas todas apontam para uma destreza

formidável e uma intervenção *post-mortem*, o que lhe garante um caráter místico.

IHU On-Line- Acredita que o destaque recebido por Sepé nas letras é o mesmo que o conferido a outros personagens gaúchos?

Eliana Pritsch - Como personagem histórico, ou melhor, personalidade histórica, não, pois o centro das atenções sempre recaiu sobre a Revolução Farroupilha e seus heróis. Não digo individualmente, mas a quantidade de romances e contos ambientados ou que referem a atuação de personalidades históricas da Revolução Farroupilha, como Bento Gonçalves, General Netto e outros é ainda superior. Aliás, os farrapos sempre foram também a grande questão temática, daí, por exemplo, desde o século XIX, os heróis farroupilhas figurarem nas obras literárias ficcionais, como em *O gaúcho* (1857), de José de Alencar; em Simões Lopes Neto, nos contos *Anjo da Vitória*, *Duelo de Farrapos*, no episódio *Um Certo Capitão Rodrigo* de *O Tempo e o Vento*, de Erico Verissimo e no romance de Tabajara Ruas *Os varões assinalados*²⁸. No entanto, os heróis farroupilhas têm também uma preponderância muito maior na poesia e no cancionário popular.

Na contrapartida, Sepé Tiaraju atravessou os séculos. O primeiro texto em que aparece é o poema de Basílio da Gama *O Uruguai*, de 1769, depois em *O Lunar de Sepé*, de Simões Lopes Neto (1913), *Tiaraju* (1945), de Manoelito de Ornellas, no episódio *A Fonte* em *O Continente* (1949), de Erico Verissimo, *Sepé Tiaraju* (1985), de Alcy Cheuíche, entre algumas obras. Nesse sentido, é a personalidade histórica antiga que ganha o título de duas obras.

²⁸ RUAS, Tabajara. *Os varões assinalados*. Porto Alegre: L&PM, 2003. (Nota da *IHU On-Line*)

Agora se encararmos Sepé Tiaraju como personagem literária, como criação que do campo lendário e mítico ganhou autonomia e vida própria pela literatura, a comparação deve ser feita com uma personagem fictícia. Teria que ser comparada, nesse imaginário gaúcho, a um Rodrigo Cambará. Individualmente, seria Sepé a personagem com maior recorrência, ainda que Rodrigo Cambará seja o protótipo do personagem gaúcho. Um aspecto que torna Sepé assimilável à cultura gaúcha são dois fatos bem peculiares; o primeiro deles referente ao assalto ao Forte de Rio Pardo quando Sepé teria fugido montando a cavalo em pêlo. O segundo elemento seria o encontro de Sepé com o general português Gomes Freire de Andrade e a clara demonstração de insubmissão, de valentia, de altivez quando revela sua determinação de não sair de suas terras. As duas características – habilidade com o cavalo e amor à terra – acabam por identificar Sepé como um típico herói gaúcho.

IHU On-Line- Qual a relação que verifica entre a figura do índio missioneiro e do gaúcho?

Eliana Pritsch- No princípio, nenhuma, porque o que se reforçava na constituição da identidade do gaúcho rio-grandense era justamente a ausência do elemento indígena. Esse gaúcho seria formado pela dissidência de soldados, bandeirantes, andarilhos. Por outro lado, foi-se constituindo uma diferenciação entre o gaúcho rio-grandense e o gaúcho missioneiro que, *grosso modo*, este sim, tem características próprias, provavelmente herança do índio missioneiro que, desgarrado das Missões, desbaratadas pelos exércitos ibéricos imperiais, constitui a formação desse típico gaúcho. A erva-mate, o fogo de chão, a habilidade na doma do gado, a facilidade com que o índio missioneiro

adestrou a cavallhada são índices que acabam por identificar genericamente o gaúcho. O tradicionalismo oficial procurou um vínculo mais evidente com o folclore luso-brasileiro por meio de músicas como o pezinho, o balaio, a cana-verde, a representação das lutas entre cristãos e mouros, a Nau Catarineta²⁹, evocações genéricas a um passado ibérico. Por outro lado, o gaúcho missioneiro, parece-me, está mais ligado ao índio missioneiro, à língua guarani, o que aparece com frequência nas obras de seus *payadores*³⁰, como Noel Guarani.

IHU On-Line- Como percebe o diálogo entre a cultura gaúcha e indígena hoje, 250 anos passados da morte de Sepé?

Eliana Pritsch- A herança positivista na nossa historiografia foi bastante pernicioso, porquanto posicionamentos como os de Moysés Vellinho³¹, negando qualquer contribuição indígena à formação do Rio Grande do Sul, ainda em 1975, atrasou muito qualquer entendimento sobre a cultura gaúcha sob esse viés. Parecia que Rio Grande do Sul e índios eram dois assuntos inconciliáveis. Aliás, não foram poucos os autores que diferenciaram o gaúcho platino do gaúcho rio-grandense exatamente pelo elemento étnico. E essa configuração ainda assumia, via de regra, uma conotação negativa, pois o gaúcho

²⁹ Nau Catarineta - Episódio épico que lembra a Odisséia. É uma ode romanceada que por seu enredo dramático e efeitos pictóricos da coreografia, se transforma em um bailado. A história desenvolve-se a bordo de um navio que parte do Recife para Lisboa, na época das conquistas marítimas (1565), e que depois de combates e lutas, chega, afinal, a um porto seguro. (Nota da *IHU On-Line*)

³⁰ O mesmo que trovadores. (Nota da *IHU On-Line*)

³¹ Moysés Vellinho (1901-1980): poeta gaúcho, desempenhou papel como crítico literário, estudioso de literatura e como historiador. (Nota da *IHU On-Line*)

platino era o gaúcho *malo*. Então, o diálogo entre a cultura gaúcha e a indígena é ainda muito insípido, quase inexistente. Da mesma forma como o diálogo com a cultura afro. A cultura gaúcha buscou suas raízes unicamente na ascendência lusa, européia branca, negando qualquer outra contribuição importante na sua formação. Por isso, mesmo o papel dos negros na história do Rio Grande do Sul teve (e ainda tem) que ser rediscutido. E foi a partir dessa rediscussão da história que se criaram novos parâmetros para a valorização da cultura afro e da participação do negro na história. Com o índio, pode dar-se o mesmo; Sepé tem um papel na história e na literatura do Rio Grande do Sul e o resgate da sua história pode funcionar como uma alavanca para fazermos uma revisão histórica que dê a medida certa da importância da cultura indígena na formação do nosso Estado, fazendo inclusive um *mea culpa* pelo que devemos aos povos indígenas. Por fim, assim como se espera recuperar um sentido positivo para a negritude, é necessário recuperar urgentemente um sentido positivo para a "indianidade", fator certamente de maior permeabilidade na população gaúcha.

IHU On-Line- Como você vê as relações de alteridade, especialmente a negação do outro, na época da colonização em que viveu Sepé? Como se dá isso em relação às minorias hoje?

Eliana Pritsch- A percepção do outro sempre se deu em relação ao que eu conheço, a comparações que possa realizar com a sociedade em que vivo. Desde Homero, na *Odisséia*, encontramos Ulisses estabelecendo juízos de valores perante as sociedades com que se depara a ponto de dizer que são bárbaros aqueles que não resolvem as suas questões em assembleias. Os cronistas

portugueses e de outras nacionalidades são fonte de muitos exemplos desse olhar de admiração, censura, endosso, refutamento pelas características sociais com que se defrontaram quando entraram em contato com novos grupamentos humanos. O pensamento daquela época era ainda mais centralizador, mais eurocêntrico e mais radicalizado quanto às noções de cultura e de religião. Por isso, a percepção do outro como diferente é gritante e logo procura se convertê-lo em um igual, numa tentativa de apagar o estranho, o diferente. Para Sepé e os índios radicados nas Missões, essas diferenças já tinham sido mais aplainadas, pois eram cristãos, estavam dentro de um mesmo princípio. Sepé já nasceu em uma estrutura consolidada na qual já estava amainado o choque cultural tão evidente nas comunidades indígenas não circunscritas às Missões.

Não tenho dúvidas que em qualquer tempo o estranhamento requer um exercício para um relacionamento positivo com as minorias, em que se reconheçam as diferenças, em que se perceba a alteridade e não se busque sempre a homogeneização.

IHU On-Line- De que modo a literatura retrata os traços religiosos de Sepé?

Eliana Pritsch- Os traços religiosos de Sepé talvez sejam mais evidenciados pelo povo e pelos próprios documentos históricos. Nesses documentos, lemos que Sepé era bastante bem quisto pelos padres missionários, tanto que chegou a exercer um cargo de “polícia”, ou seja, podia prender aqueles que não cumprissem as ordens estabelecidas na Missão de São Miguel. Isso significa que ele era merecedor de confiança, o que provavelmente baseava-se, também, na sua religiosidade, ou pelo menos na sua obediência aos mandamentos dos padres jesuítas.

As duas cartas encontradas com Sepé e as suas diferentes manifestações sempre evocam os nomes de Deus e São Miguel Arcanjo. *Essas terras nós a recebemos de Deus e de São Miguel.*

De outra forma, os traços religiosos podem ser também interpretados por um viés místico que a lenda virá reforçar. Em *O Uruguai*, poema antijesuítico e iluminista, obviamente, os traços religiosos não foram edificadas, ainda que, indiretamente, ele oriente, *post mortem*, aos outros índios para que resistam aos exércitos imperiais. O primeiro texto que enfatiza um traço mais místico é o próprio *Lunar de Sepé* que também se refere à santificação de Sepé:

Então, Sepé foi erguido
Pela mão do Deus-Senhor
Que lhe marcara na testa
O sinal do seu penhor!...
O corpo, ficou na terra...
A alma, subiu em flor!...
E, subindo para as nuvens,
Mandou aos povos benção!
Que mandava o Deus-Senhor
Por meio do seu clarão...
E o lunar da sua testa
Tomou no céu posição...
Eram armas de Castela,

Que vinham do mar de além;
De Portugal também vinham:
Dizendo, por nosso bem...
Sepé Tiaraiú ficou santo
Amém! Amém! Amém
(LOPES NETO, 2002, p. 154)

IHU On-Line- Gostaria de acrescentar mais algum aspecto?

Eliana Pritsch- A questão sobre Sepé Tiaraju é ainda bastante controversa e, às vezes, me pergunto para que servem mesmo as comemorações oficiais e as homenagens. Tenho bem certeza que os limites da verdade histórica, das diferentes questões ideológicas e religiosas envolvidas no caso de Sepé são bastante intrigantes. Como podem as comunidades indígenas atuais quererem uma identificação com Sepé quando deveriam buscar um lugar para sua cultura própria? Como podem os movimentos populares e ligados ao MST pleitearem Sepé como seu líder se a ele e aos guaranis pertenciam a Terra do Rio Grande? Como os estancieiros julgam-se os proprietários da terra, passados 250 anos, de uma “invasão” européia e usam a mesma frase de *Essa Terra tem dono!* atribuída a Sepé? Teria outra saída

melhor que a evangelização jesuítica? As Missões, no final, não foram um retardamento, em pelo menos um século, do aniquilamento quase que total das culturas indígenas? As demais propostas colonizadoras quanto aos índios apresentaram-se melhores? Essas questões todas estão longe de estarem resolvidas e superadas. Heroicizar a figura de Sepé tem todos os inconvenientes expostos acima, mas tem uma razão que, ao meu ver, supera esses entraves. É uma figura que pode simbolizar um elemento autóctone em oposição ao colonizador europeu. Todos os nossos heróis estão identificados com o papel da conquista, do branco, do vencedor. Tal como Zumbi, Sepé pode significar a revitalização de todas essas questões e a possibilidade de revisar a história sob uma perspectiva que valorize a contribuição do índio na formação da cultura, da história, do povo gaúcho.

A experiência missioneira continua viva

Entrevista com Ceres Karam Brum

Esta foi uma das conclusões às quais chegou a pesquisadora Ceres Karam Brum, professora adjunta do Departamento de Fundamentos da Educação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), com a análise antropológica que realizou sobre o passado missioneiro. “Ele está muito vivo na memória das pessoas, produz identidades relativas à figura do gaúcho. É um passado que ainda não está completamente resolvido em termos de interpretação, por isso, essa é uma forte razão para continuar sendo lembrado”, disse na entrevista por telefone à *IHU On-Line*. Sobre Sepé, Ceres afirma que não se trata de frisar a veracidade ou falsidade dele como herói ou anti-herói. “A questão toda, no meu entendimento, está em tentar perceber por qual motivo as pessoas o utilizam ou o percebem como herói ou não. Como glorificam ou o rejeitam e que importância isso tem na produção da identidade desses grupos sociais. A conclusão que se chega é que essa figura, este símbolo serve a inúmeros interesses no território do Rio Grande do Sul”.

Ceres é graduada em História pela UFSM, onde cursou os mestrados em Integração Latino-Americana na UFSM, com a dissertação *Integração: uma categoria para estudar a atuação do Padre Antonio Sepp nos Sete Povos das Missões* e em Educação, com a dissertação *Lendário missioneiro: pedagogia jesuítica para a integração colonial nos Sete Povos das Missões*. É doutora em Antropologia Social pela UFRGS, com a tese *Uma análise antropológica de representações sobre o passado missioneiro do Rio Grande do Sul*, assunto que em breve será tema de um *Cadernos IHU*, e pós-doutora pela PUCRS.

***IHU On-Line* - Qual é o contexto no qual o Sepé afirmou a frase “essa terra tem dono” e o que quis dizer com isso? Qual seria a atualidade dessa afirmação em relação ao problema dos povos indígenas brasileiros?**

Ceres Karam Brum - A frase específica dita por Sepé Tiaraju, que hoje é conhecida como um grito “apasico”, “essa terra tem dono”, o brado de Sepé Tiaraju é o seguinte: “Essa terra tem dono, nós a recebemos de Deus e de São Miguel”.

Esse episódio ocorre num encontro entre Sepé Tiaraju e Gomes Freire de Andrade, em função das negociações da troca dos povoados missioneiros platinos, os Sete Povos das Missões, e a Colônia do Sacramento. Essa expressão de Sepé Tiaraju se refere à recusa da entrega dessas terras indígenas às coroas ibéricas. Elas queriam trocá-las pela Colônia do Sacramento. Isso é extremamente importante, porque coloca em questão a definição dos limites do território do atual Rio Grande do Sul. A atualidade dessa afirmação se dá não apenas em

relação aos povos indígenas brasileiros, se dá a uma série de grupos sociais no Rio Grande do Sul e mesmo nos demais locais onde se possui uma memória da experiência missioneira platina. Às vezes, glorificando-a e comemorando esse passado colonial. Nesse sentido, diferentes grupos sociais como os tradicionalistas no Rio Grande do Sul, que consideram Sepé Tiaraju como primeiro gaúcho do Rio Grande do Sul, consideram a experiência missioneira como a origem dos gaúchos, assim como a apropriação da figura do Sepé Tiaraju pelo MST e a questão indígena, especialmente referente aos índios guaranis que estão em São Miguel das Missões, que receberam terra na região de São Miguel das Missões e que vendem seu artesanato nas ruínas tombadas como patrimônio histórico da Humanidade. Em relação a esta frase “essa terra tem dono”, existe o personagem histórico Sepé Tiaraju e mito Sepé Tiaraju, que aparece logo depois, muito próximo à sua morte. Com a criação do poema *O Uruguay*, vem recebendo sucessivos tratos literários e de narrativas históricas. História e mito não estão dissociados.

IHU On-Line - Sepé é considerado por alguns como um herói, um santo, enquanto há aqueles que discordam. Como podemos caracterizá-lo?

Ceres Karam Brum - Aí está o fascínio de se trabalhar com essa figura histórica e mitológica que é Sepé Tiaraju. O que existe é uma disputa... A caracterização deve partir da análise simbólica de Sepé Tiaraju. A análise antropológica está justamente no símbolo Sepé Tiaraju, que é considerado por alguns como herói e por outros como anti-herói. O que nós temos em jogo são posições de identidade, apropriações, que se referem à brasilidade ou não-brasilidade da figura do Sepé Tiaraju, que está relacionada com as disputas e trocas de terra na

região das Missões. Durante a década de 1950, houve uma discussão no Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul para a construção de uma estátua em homenagem ao Sepé e a sua ascensão a herói. O Instituto Histórico e Geográfico negou a permissão para construir o monumento, o que leva a concluir que Sepé Tiaraju é uma figura extremamente liminar e que incomoda, ainda hoje, no Rio Grande do Sul. Veja-se, por exemplo, um episódio que eu tentei analisar na minha tese de doutorado: a disputa de terras na região de São Gabriel, que ocorreu em 2002 e 2003 em que o Sepé Tiaraju era utilizado pelos dois grupos, tanto pelo MST, que batizou aquela situação de ocupação das terras com o nome “alerta, esta terra tem dono” e os latifundiários. Os latifundiários batizaram o movimento de recusa à entrega das terras de “alerta, esta terra tem dono” e o MST levava o estandarte do Sepé Tiaraju, considerando-o o santo protetor naquela disputa de terras. A discussão toda não é frisar a veracidade ou a falsidade da representação de Sepé Tiaraju, como um herói ou como um anti-herói. A questão toda no meu entendimento está em tentar perceber por qual motivo as pessoas o utilizam ou o percebem como herói ou não. Como o glorificam ou o rejeitam e que importância isso tem na produção da identidade desses grupos sociais. A conclusão que se chega é que essa figura, este símbolo, serve inúmeros interesses no território do Rio Grande do Sul.

IHU On-Line - Qual é a análise antropológica que a senhora faz a respeito das representações sobre o passado missioneiro do Rio Grande do Sul?

Ceres Karam Brum - Sepé Tiaraju foi analisado em uma pluralidade de representações na minha tese de doutorado sobre o passado missioneiro. Digo pluralidade de representações,

porque, durante os trabalhos de campo, para a produção da tese, eu me deparei com inúmeras representações que se remetem ao passado missioneiro. Pacotes turísticos, apropriações efetuadas pelo movimento tradicionalista gaúcho, referências dos índios guaranis, que residem próximo às ruínas, referências dos próprios habitantes dos povoados missioneiros no Rio Grande do Sul, Paraguai e Argentina, utilização política das missões como patrimônio histórico pelos prefeitos e pelas autoridades da região das Missões. O próprio estado do Rio Grande do Sul, usa essas representações históricas, como a construção de narrativas históricas à respeito do passado missioneiro, interpretando-o. Nessa pluralidade de representações, me ative na análise antropológica, na maneira como diversos grupos sociais e diversas pessoas se relacionam com o passado. É a relação que se estabelece com o passado no presente e como esse passado é recriado e representado. Dessa forma, ele é revivido pelas pessoas e essa vivência do passado se dá em termos de comemoração ou em termos de repulsa. A conclusão a que chego nessa análise antropológica é que o episódio missioneiro, apesar de estar ligado com a colonização espanhola no Rio Grande do Sul, no séc. XVIII, ele está muito vivo na memória das pessoas, produz identidades relativas à figura do gaúcho. É um passado que ainda não está completamente resolvido em termos de interpretação, por isso, essa é uma forte razão para continuar sendo usado e lembrado. A experiência missioneira é polêmica, toda a historiografia missioneira aborda isso, e ela está relacionada com a produção de identidade especialmente com a produção de pertencimento, quer dizer, como as pessoas vivem, como elas se pertencem em termos de missões.

***IHU On-Line* - Como situa a importância de Sepé Tiaraju para a comunidade missioneira daquela época?**

Ceres Karam Brum - Para responder a essa questão, eu gostaria de fazer referência a dois textos, um pequeno artigo da professora Sandra Pesavento³², que se chama *Narrativas Cruzadas: História, literatura e mito. Sepé Tiaraju das Missões* e a tese de doutorado do professor Julio Ricardo Quevedo dos Santos³³, intitulada *Missões de uma utopia no Prata*. Nesses dois textos, estes importantíssimos historiadores do Rio Grande do Sul, abordam a importância da figura histórica de Sepé Tiaraju efetuando a sua caracterização. Esses dois autores autorizam a dizer o seguinte: Sepé Tiaraju foi um personagem extremamente importante já naquele período. Ele foi um alferes real e corregedor do povo de São Miguel, o que significa dizer que ele tinha funções militares e policiais de aplicação da justiça. Já naquele período, ele é

³² Sandra Pesavento: historiadora gaúcha. Na edição 154 da *IHU On-Line*, de 4 de setembro de 2005, ela concedeu entrevista sobre Erico Verissimo. Escreveu dezenas de livros, entre os quais salientamos *RS: agropecuária colonial e industrialização*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983; *Pecuária e indústria; formas de realização do capitalismo na sociedade gaúcha do século XIX*. Porto Alegre: Movimento, 1986; *Leituras cruzadas. Diálogos entre a história e a literatura*. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2000; *Discurso histórico e narrativa literária*. Campinas: UNICAMP, 1998, os dois últimos por ela organizados. (Nota da *IHU On-Line*)

³³ Julio Ricardo Quevedo dos Santos: historiador e docente na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Entre diversas obras de sua autoria, destacamos *República Jesuítica ultramarina*. Porto Alegre-Santo Ângelo: Martins, 1989; *As Missões: crise e redefinição*. São Paulo: Atica, 1993; *São Miguel das Missões*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1997 e *Guerreiros e jesuítas na utopia do Prata*. Bauru: Editora da Universidade do Sagrado Coração - EDUSC, 2000. (Nota da *IHU On-Line*)

percebido como liderança histórica entre índios, como um guerreiro, como alguém bastante valente, isso as narrativas históricas confirmam. A figura do Sepé Tiaraju se salienta na guerra guaranítica quando ele se configura no grande líder. Quer no episódio a que me referi o encontro entre Sepé Tiaraju e Gomes Freire de Andrade, como no momento da sua morte na batalha de Caiboaté, em 1756, a figura histórica do Sepé já aparece como um símbolo de resistência à ocupação das terras missioneiras pelas metrópoles ibéricas que pretendiam trocá-las pela colônia de Sacramento. O mito Sepé Tiaraju segue sendo percebido como uma figura de resistência, tanto pelos índios e, especialmente, pela Igreja. Existe uma tentativa de canonização do Sepé Tiaraju relacionada com a teologia da libertação, que, por sua vez, está relacionada com os sem-terra. Temos como exemplo trabalho do irmão Antonio Cechin³⁴ nessa perspectiva, que tem esse caráter de resistência. A forma como essa resistência e esse símbolo tem sido utilizada ainda está em disputa no Rio Grande do Sul.

IHU On-Line - A senhora acredita que Sepé ajudou a formar a cultura gaúcha calcada nas lutas de resistência?

Ceres Karam Brum - Sim. A resistência de Sepé Tiaraju é produzida no imaginário do Rio Grande do Sul. Eu percebo que as referências a Sepé Tiaraju são mais frequentes do que as referências ao general Bento Gonçalves da Silva. Nós estamos em setembro, no mês de comemoração da Revolução Farroupilha e a conclusão que eu chego é que o

³⁴ Sobre Antônio Cechin, confira a entrevista por ele concedida nesta edição, intitulada "*Sepé lutou para implantar os valores humanos e cristãos que cultivou durante toda a sua vida pessoal e comunitária, entre os guaranis*". (Nota da ***IHU On-Line***)

movimento tradicionalista gaúcho, que é o principal responsável pelo festejo da figura do gaúcho no Rio Grande do Sul, da vivência desse mito do gaúcho valente e lutador, aguerrido, que resiste não se calca apenas na Revolução Farroupilha, ela se refere muitíssimo às Missões e a figura de Sepé Tiaraju. Por exemplo, nos desfiles farroupilhas, especialmente em Porto Alegre, eu tive a oportunidade de observar, várias vezes, referências à genealogia dos guapos, do bravo gaúcho, iniciadas com Sepé Tiaraju. Durante o Enarte, que é um festival de arte e tradicionalismo, os grupos de dança expressam episódios missioneiros e se referem à figura de Sepé Tiaraju com relação à resistência. Existe uma produção do movimento tradicionalista gaúcho, do nativismo, do regionalismo que produz esse mito.

IHU On-Line - Como percebe os direitos dos povos indígenas no Brasil?

Ceres Karam Brum - A pequena experiência etnográfica que eu tive com os indígenas guaranis de São Miguel, me permite efetuar uma radiografia da situação, uma pequena amostra da situação no Brasil. O que se vê, o que eu percebo é uma extrema dificuldade em garantir os direitos indígenas desses povos porque, apesar da existência da legislação, há uma burocracia estatal e municipal que emperra a efetivação desses direitos. Por exemplo, as casas dos índios dessa reserva próxima à São Miguel ainda estão em processo de construção. É uma coisa que dura muitos anos, e os índios seguem acampados em barracas. É uma situação precária e transitória e todo o mundo se identifica com a questão indígena. As pessoas querem ajudar, mas é muito mais em discurso do que uma situação concreta e de mudanças, de melhorias. É até um problema de intromissão na própria

relação que os índios tentam estabelecer com essa terra, na própria produção do seu *ethos*, quer dizer essa grande intromissão, que, efetivamente, não contribui para vivência dos povos indígenas na atualidade, acaba muito mais, atrapalhando e emperrando conquistas dos povos indígenas do que auxiliando. A situação vem sempre como extremamente caótica. Nessa situação dos índios de São Miguel, eles receberam as terras do governo do estado, mas eles não têm condições de reproduzir seu modo de vida. Falta o espaço para caçar, faltam inúmeras condições. Não é só dar a terra. Se nós formos abordar a questão dos colonos, do próprio MST... não é só a terra, são condições de reproduzir o modo de vida.

IHU On-Line - Sobre o trabalho missioneiro que os jesuítas fizeram entre os índios naquele tempo no Rio Grande do Sul. Qual é a sua percepção?

Ceres Karam Brum - Os padres jesuítas efetuaram uma grande transição do modo de vida do guarani originário e o inseriram nas Missões. Uma perspectiva evolucionista. Eu gostaria de salientar que a questão está na possibilidade de sobrevivência desses índios guaranis que se encontravam nas Missões. Esses guaranis estavam sendo objetos de uma dupla frente de expansão, tanto da coroa castelhana quanto da coroa ibérica. Os jesuítas garantiram nas missões a possibilidade de sobrevivência física dos guaranis missioneiros num trabalho de manutenção de alguns aspectos da cultura guarani e transformação em outros, para se criar a experiência missioneira platina. Desta questão, sobrevive um imaginário da missão como a terra de promessa. Esse imaginário está fartamente descrito, especialmente nos escritos do Padre Antônio Sepp, a respeito das missões jesuítas, da sua

experiência nos povoados de São Miguel e São João Batista que ele foi o criador. O mito da missão como terra da promessa é utilizado por esses jesuítas para manter os guaranis nas Missões, uma vez que, nesse momento, eles já estavam catequizados. Relacionando a missão com episódios bíblicos, atualizando o catolicismo nas missões jesuítas, essa abordagem da missão como terra da promessa permanece e é vivida como mito na região das missões. As Missões se caracterizam ainda no imaginário daquelas pessoas e da própria produção dos pacotes turísticos como um momento de promessa, em que se deu uma experiência magnífica. O que é lembrado em termos de Missões não é a cultura guarani, mas a cultura jesuítica, essa que algumas pessoas se referem como mescla. O que permanece não é a questão guarani, a questão indígena. O que permanece é a questão jesuítica, e o índio é lembrado quando ele consegue simbolicamente, como no caso de Sepé Tiaraju ser percebido como branco, como um índio romântico, como um índio bravo, como bom selvagem, como alguém que auxilia o branco no processo civilizatório. No Rio Grande do Sul, por exemplo, ele se dá com relação à figura do negro. O negro é lembrado, no Rio Grande do Sul, mediante a lenda do Negrinho do Pastoreio, numa perspectiva bastante conservadora. Qual é o índio freqüentemente lembrado no Rio Grande do Sul? Sepé Tiaraju. Ou os índios que aparecem nas narrativas tradicionais como Angüera, como o M'bororé, são figuras indígenas que estão relacionadas, estão a serviço da obra das Missões.

IHU On-Line - Haveria aí uma espécie de violência simbólica dos brancos para com as populações não brancas?

Ceres Karam Brum - Acho que dá para pensar que sim. É uma produção do imaginário em que o índio concorre

representacionalmente quando ele interessa ao branco. Não se pode dizer que o índio é totalmente ausente da produção de representações, que está totalmente ausente do imaginário. Não, ele é presente, mas é presente não como índio, não como cultura guarani ou como cultura kaingang. Ele é presente quando diz respeito aos interesses do branco, como Sepé Tiaraju, como Angüera³⁵, como o M'Bororé³⁶, por exemplo, que guardava os tesouros jesuíticos. Como o Angüera, que é apropriado pelo grupo *Os Angüeras*, de São Borja, como o símbolo musical das Missões. Mas ele aparece na narrativa com feições de branco, feições no sentido de alguém que pensa como branco e age pela causa branca. Nesse sentido, a causa branca seria a das Missões.

Eu gostaria de acrescentar que esse episódio da experiência missioneira platina continua extremamente vivo na memória dos gaúchos. Há toda uma política de parcimonialização destes territórios e existe uma memória coletiva incessantemente produzida dentro e fora da Região das Missões. Isso continua sendo um passado controverso em que a história passa a ser vivida como mito e é uma história que está constantemente sendo acionada. Esse acionar o passado não pode ser percebido, no meu

entendimento, como alguma coisa dada, como alguma coisa consensual, como alguma coisa pacífica de ser interpretada. Ele é um passado que ainda se encontra como disputa simbólica. De um lado, se comemora a experiência missioneira como um império teocrático dos jesuítas, como o comunismo cristão dos guaranis; de outro lado, uma experiência que está relacionada com a colonização espanhola, que ajudou a dizimar os guaranis. Enfim, essas referências constantes ao passado missioneiro geram uma série de identidades e um pertencimento a um passado colonial espanhol num território que atualmente é o Rio Grande do Sul, é o Brasil. Recentemente, no último carnaval, a escola de samba campeã foi a Beija-Flor que apresentou como tema as Missões Jesuíticas. A produção dessa memória coletiva que gera identidades...Essas pessoas estão vivendo esse passado, que está latente. Esse passado deve seguir sendo objeto de interpretação. Deve continuar sendo objeto de muitos estudos tanto históricos como arqueológicos, especialmente antropológicos, porque as pessoas se identificam com esse passado e querem vivê-lo, quer como um mito que o comemora, quer como mito que o execra, quer como mito que o considera negativo.

³⁵ Angüera: lenda sobre um índio que vivia no Pirapó, nos Sete Povos das Missões, escondido de tudo e de todos. Por ser concebido como um homem fantasmagórico, passou a ser chamado de "Angüera". Conforme o relato, um certo dia, quando os padres entraram no sertão da Serra, perderam-se. Foi então, que apareceu Angüera e os conduziu de volta. Assim, nasceram os primeiros laços de amizade entre os padres e Angüera, que foi batizado. Recebeu o nome cristão de Generoso. Foi ele que ajudou a colocar as pedras de alicerce de todas as igrejas dos Sete Povos. (Nota da *IHU On-Line*)

³⁶ M'bororé: cacique e amigo dos religiosos dos Sete Povos das Missões. Foi o padrinho de batismo de Angüera e era o vigia das casas dos brancos. (Nota da *IHU On-Line*)

Um ano para lembrar Sepé Tiaraju

Entrevista com Luiz Carlos Susin

O doutor e professor da Pós-graduação em Teologia da PUCRS, Luiz Carlos Susin, coordenador da subcomissão acadêmica do comitê organizador do Ano de Sepé Tiaraju, concedeu entrevista ao site do Instituto Humanitas Unisinos – IHU. Ele falou sobre O Ano, a ser comemorado em 2006. Reproduzimos aqui as afirmações de Susin sobre o assunto.

Susin é teólogo pela PUCRS, mestre e doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana (PUG), na Itália, com a tese *O homem messiânico em Emmanuel Levinas*, publicado em forma de livro pela EST/Vozes em 1984. De sua produção acadêmica, destacamos *Assim na terra como no céu: brevíssimo sobre Escatologia e Criação*. Petrópolis: Vozes, 1995 e *A criação de Deus*. São Paulo: Paulinas, 2003.

IHU On-Line - O que será O Ano de Sepé Tiaraju?

Luiz Carlos Susin - No centro de tudo isso, estão as memórias dos 250 anos da morte de Sepé Tiaraju e da Batalha de Caiboaté, que termina a Guerra Guaranítica provocada por toda aquela crise depois do tratado de Madri, em que os Sete Povos das Missões deveriam ser esvaziados e passadas para os portugueses. Sob o ponto de vista do comitê organizador do Ano, queremos possibilitar que os guaranis assumam o protagonismo dessa memória. Eles serão os principais atores em São Miguel.

IHU On-Line - Como serão organizadas as homenagens?

Luiz Carlos Susin - Estamos programando lançamentos para todos os dias sete, já que o dia da morte de Sepé Tiaraju é sete de fevereiro. Amanhã será lançado o Ano entre as comunidades guaranis. Será um acontecimento eminentemente guarani, com apoio do Conselho Missionário Indigenista (Cimi), ligado à CNBB. Serão eles, com suas celebrações e rezas, que estarão reunidos em São Miguel, vindos de diversas partes

do Rio Grande do Sul. Será lembrado o passado e, também, discutido o futuro. O futuro dos guaranis está muito ligado à terra. Ou eles conseguem uma terra adequada à vida em comunidade ou continuam à margem das estradas, que é o grande problema deles hoje.

IHU On-Line - O que mais está sendo organizado?

Luiz Carlos Susin - Para o dia sete de novembro, está programada uma jornada acadêmica sobre o tema. *O significado histórico e cultural da figura de Sepé Tiaraju e da herança indígena para a identidade do RS* reunirá acadêmicos para discutirem esse tema na PUC do Rio Grande do Sul. No final da tarde deste dia, haverá uma caminhada indígena, da Feira do Livro até a Praça da Matriz, em Porto Alegre, e uma celebração indígena, que marcarão o lançamento do evento na capital gaúcha. Não podemos esquecer que em 22 de junho foi feito o lançamento político na Assembléia Legislativa.

IHU On-Line - E qual é o significado histórico e cultural da figura de Sepé?

Luiz Carlos Susin - Não só a figura histórica dele é importante, mas também a figura lendária, que pode ser comparada à figura lendária do Negrinho do Pastoreio, que são dois símbolos que mostram o Rio Grande escondido. O Rio Grande, que depois dos açorianos e das imigrações, não quis mais se enfrentar com o rosto indígena miscigenado, tem o rosto que está envergonhado. Ninguém quer ser filho de bugre. Para a questão da auto-estima do povo gaúcho é importante essa recuperação mais positiva dessas figuras.

IHU On-Line - O que já está programado para o ano que vem?

Luiz Carlos Susin - A principal comemoração será no dia mesmo, sete de fevereiro, em São Gabriel, na Sanga da Bica, lugar onde Sepé tombou, e em Caiboaté, há alguns quilômetros da cidade, onde aconteceu a batalha que dizimou os 1500 índios. Além dos guaranis, que vão ocupar um espaço importante lá, vamos organizar uma grande concentração para prestar essa homenagem.

“Creio que não se deva exagerar o alcance individual de Sepé Tiaraju”

Entrevista com Arthur Rabuske

Essa é uma das opiniões de Arthur Rabuske, SJ, pesquisador da história missioneira no Rio Grande do Sul, na entrevista dada por escrito à *IHU On-Line*. Afora isso, há que se salientar o “incidente trágico e, sob certo aspecto, heróico”, envolvendo o guarani, pondera Rabuske. O estudioso questiona a iniciativa de canonizar Sepé e discute a questão da expulsão de dez missionários jesuítas, daquela época, cujos nomes constavam em uma lista, antes mesmo da expulsão ocorrida em 1759 em Portugal e suas Colônias.

Arthur Rabuske é jesuíta, padre, pesquisador, tradutor e escritor polígrafo. Sua formação engloba Filosofia e Teologia com caráter lingüístico-filosófico e Letras Clássicas, Neolatinas e Anglo-germânicas. Em 1958, tornou-se co-fundador das faculdades de S. Leopoldo, que deram origem à Unisinos em 1969. Lecionou de 1959 a 1968, quando abraçou, em tempo integral, as pesquisas históricas no campo das Reduções Guaranis, da sua Ordem Restaurada no Brasil, e da ex-Colônia Alemã no país. Até hoje, com 80 anos, Pe. Rabuske prossegue em suas investigações sobre a história missioneira, em especial sobre a trajetória jesuítica moderna, de 1842 em diante, e na antiga, de 1626 a 1768, propriamente a das Reduções Guaranis em suas duas fases distintas. Participou ativa e decisivamente dos Simpósios Nacionais de Estudos Missionários em Santa Rosa, RS, desde seus inícios, bem como das Jornadas Internacionais sobre as Missões Jesuíticas.

Por quinze anos, dirigiu o setor “História” das publicações no Instituto Anchieta de Pesquisas, ao mesmo tempo que conduzia suas investigações na Unisinos. Em 1999, a

Universidade conferiu-lhe o título de *doutor honoris causa*. Tem algumas centenas de publicações, entre artigos, ensaios, brochuras, traduções e livros, além de verbetes bibliográficos. Em função disso, é referência no assunto no mundo inteiro.

IHU On-Line - Como o senhor vê a existência histórica de Sepé Tiaraju?

Arthur Rabuske –A existência histórica como tal de Sepé, enquanto se nos faculta conhecê-la, apenas se estende ao prazo aproximado de uns seis anos, quiçá desde fins de 1750, ou seja, desde o Tratado de Limites ou de Madrid, como entre nós mais se diz, ao La Plata e aos Sete Povos, até a sua morte prematura e infeliz a 7 de fevereiro de 1756 em Caiboaté. Óbvio que a gente gostaria de saber de Sepé mais do que se descobre documentado, por exemplo, a idade que ele a essas alturas tinha, que seria de uns trinta e poucos anos, a formação especial que seus missionários lhe conferiram de descobrir talentos ou dotes naturais, e o influxo por ele exercido no cabildo, etc. Em suma, pelo fato de se haverem perdido todos os livros de batizados e casamentos da comunidade “paroquial” de São Miguel, não sabemos sequer a data de seu nascimento, nem o fato de ser casado e com quem.

Seja como for, o certo é que Sepé Tiaraju entra no cenário criado nas cortes de Lisboa e Madrid pelo Tratado dos Limites, pela rebelião indígena e pela Guerra Guaranítica, visto que uma guerra, no sentido próprio da palavra, somente existe entre nações diversas e porque os guaranis eram cidadãos espanhóis. Daí, se muito, era uma revolução. Assim sendo, vejo a existência histórica de Sepé com os sentimentos mistos de diversas modalidades, sobretudo os de lástima, de dor e de compaixão. Peregrinando, mais em espírito que de fato, por lugares de sua passagem, como, Rio Pardo, Rio Grande, Santa Tecla, Passo do Rio Jacuí (perto de Agudo e Santa Maria e São Miguel das Missões, sem esquecer

Caiboaté), vendo então mentalmente a figura de Sepé e as seqüelas da sua existência de curta duração num grande contexto, de perspectiva histórica, no mínimo se abate sobre mim um acabrunhamento próximo de lágrimas sentidas. E acredite-se-me, que não é por mero sentimentalismo!

IHU On-Line- O que o senhor destacaria do contexto da época em que viveu Sepé?

Arthur Rabuske- O Tratado dos Limites, além de coisa inteiramente nova, inesperada e assombrosa, era principalmente injusto a ponto de clamar aos céus. Dele deveriam examinar-se, de modo especial, os artigos XV a XVII, relativos à troca da Colônia do Sacramento com os Sete Povos, à transmigração destes e, ao prazo de estipular-se para a mesma, a qual não deveria “passar do ano, depois de se firmar esse Tratado”. Diante disso, e do extermínio ameaçado pelas armas, onde ficava a bondade de um rei católico, o tratamento devido a súditos fiéis, reconhecidos por ele como tais, a perda de tantos bens, em troca do ermo ou da mata virgem e gente já civilizada por diversas gerações e a indenização meramente simbólica ou de todo irrisória de 4 mil pessoas para cada um dos Sete Povos. Para tanto, Sepé, como todos os outros índios dos Sete Povos, não estava preparado, pois isso lhe era incompreensível. Daí a revolta, pode-se dizer geral, por causa da suspeita e da traição dos próprios missionários e o propósito de lutar até a morte, se necessário de todos. Sepé, feito uma espécie de chefe geral dos sublevados no front, era decerto valente, entendia de

guerrilhas e escaramuças, mas, como escreveu o missionário Dobrizhoffer mais tarde, era “ele ativo e corajoso, mas tão ignorante de táticas militares como o sou eu sobre magia negra”. Além disso, crédulo como era, chegou à loucura de querer prender e matar o Padre Altamirano, comissário plenipotenciário do General da Companhia de Jesus para a América Latina, bem como à de reter em seu “pueblo” como prisioneiros incomunicáveis os próprios padres, os quais, não obstante isso, eram vistos, sobretudo o Padre Balda, em combate, na guerra guaraníca pelos secretários das forças aliadas...

Outro elemento possível para refletir sobre o “contexto” em questão, seria o de se estudar e entender melhor o contexto europeu, sobretudo seu *Zeitgeist*, distante, a começar com uma verdadeira “vida” de Pombal, desejável e insubstituível para tanto. Também deve-se dar uma atenção especial à sua *Relação Abreviada* do ano de 1757, aparecida sem a indicação do autor, mas redigida decerto sob a sua orientação e editada com licenças régias. Considere-se apenas a respeito desse panfleto que, sob a tentativa de atacá-lo ou refutá-lo, pesava a “leve sanção” do crime de lesa-majestade e, assim, de pena capital.

IHU On-Line - Como o senhor vê a história de Sepé? Quais as conseqüências históricas de suas lutas, segundo sua visão?

Arthur Rabuske – Minha resposta deve depender, naturalmente, de diversos pontos de vista, sobretudo os da objetividade realista, baseada e conseguida em longa investigação. Cito duas, a de historiador e a de literato. Na minha condição de formado em três cursos superiores de Letras, tenho obviamente gosto pelas lendas, fábulas e ficções missionárias. Mas, na de historiador, tenho o dever profissional de

buscar a verdade histórica, e a coragem de expô-la ou divulgá-la. Sob este enfoque, a figura de Sepé Tiaraju me parece, antes de tudo, trágica, e assim, como já disse acima, objeto de lástima, dor e comiseração. Na de literato, existe não pouco a surpresa e admiração de que o nosso folclore apresente, dois séculos e meio após a morte de Sepé, tais reminiscências e riquezas como as em parte apontadas pela geografia, historiografia e filologia guarani, em sem falar da possibilidade de pesquisas em tantas outras ciências “transdisciplinares”. Quanto às conseqüências históricas de suas lutas, já indiquei, embora insuficientemente, algumas. Como, porém, as vejo num grande contexto individual, até intercontinental e universalmente humano, bem como religioso-cristão, creio que não se deva exagerar em absoluto o alcance individual de um Sepé Tiaraju, apesar de seu incidente trágico e, sob certo aspecto, heróico.

IHU On-Line - Como poderia ter sido a história dos guaranis e do Rio Grande do Sul sem a liderança e a figura de Sepé Tiaraju?

Arthur Rabuske – Esta pergunta, tal como se acha enunciada, parece-me basear-se excessivamente numa espécie de mito Sepé Tiaraju. Além disso, sendo historiador por escolha e profissão, o meu campo de pesquisas deve ser, antes de tudo, o dos fatos comprovados e sua interpretação, e não o das hipóteses ou conjeturas de como poderia ter sido. Além do mais, objetivamente falando, cada uma das Reduções, não somente as Sete, nem ainda as Trinta e as outras, em 1768, perto de setenta, sob a responsabilidade de missionários jesuítas no Antigo Paraguai, tinha seu regime próprio, como que visando, em quase tudo, à independência e auto-suficiência em relação às outras. Assim, por exemplo,

tinha cada *pueblo* seu regimento de guerreiros, mas estes nunca vieram a constituir um só exército. Lembre-se que, na própria “Guerra Guaranítica”, os “militares” de Santo Ângelo não quiseram combater sob o comando de Sepé Tiaraju. Em conclusão, poderia adiantar-se que, sem ou com Sepé, a história da generalidade guarani e, sobretudo a do Rio Grande do Sul, não teria sido diferente da que vem se construindo desde 1756. Outra coisa teria sido se, depois de 1768, o regime civil e religioso não tivesse passado nas Reduções dos jesuítas para outras mãos, cabendo a administração a funcionários leigos brancos e o religioso-pastoral a outras ordens religiosas, de vida consagrada. De resto, como pensador cristão, admito que o “Dedo de Deus dirige os povos todos e a humanidade inteira”.

IHU On-Line - Como se encontram a cultura indígena e a cultura cristã na figura do índio Sepé?

Arthur Rabuske – Esta questão, como está, deveria ser respondida com base em documentos explícitos e concretos, os quais, conforme nos consta, quanto a Sepé, eram desconhecidos antes do ano 1750. Pode admitir-se, contudo, que indiretamente seja possível lembrá-los. Assim, constatamos que Sepé, a essas alturas, já se encontrava diante de uma cultura guarani “batizada” ou erguida ao patamar cristão desde 1632, quando se fundou a 1ª Redução de São Miguel, que hoje é o município de São Pedro do Sul. Desse jeito, era ele descendente de ancestrais cristãos na terceira ou quarta geração. Pode, por conseguinte, supor-se, por boas razões, que para ele a cultura cristã já era óbvia, normal e indiscutível.

Segundo Ludovico Antônio Muratori, em seu livro conhecidíssimo, intitulado *Il Cristianesimo Felice nelle Missioni dei Padri della Compagnia di Gesù nel Paraguai* (O Cristianismo Feliz nas Missões dos Padres da Companhia de Jesus no Paraguai), cujo primeiro tomo se editou em 1742, pode aventurar-se a hipótese de que Sepé, desde a sua meninice, tenha vivido tal época de ventura dourada. Certo é que então não mais havia para ele os choques iniciais, próprios de duas culturas tão diferentes como a guarani e a cristã. Além disso, os próprios missionários se haviam aculturado em tudo que não fosse ruim, segundo a lei natural e oposto às diretrizes do Evangelho ou da Bíblia. Dire-se-ia, por outra, que Sepé e sua gente já eram civilizados, que não tinham nenhuma saudade da vida seminômade anterior e se sentiam bem em sua condição cristão-católica, isto é, assim como em sua querência. Mais, era Sepé orgulhoso ou altivo quanto a seu bem-estar onímodo, não precisando nem sequer invejar ao colono castelhano em questão de progressos materiais, pedagógicos, sociais, artísticos e culturais. Tinha ele acompanhado, desde criança, a construção da igreja miguelista, que se erguera de 1715 a 1746, a qual, em sua ruína eloqüente, ainda nos fala e veio a ser Monumento da Humanidade. Muito provável também é que ele vivesse sua fé e fizesse parte da Congregação Mariana dos Homens, em que apenas eram admitidos cristãos fervorosos e autênticos, cujo ideal era até o da aspiração à perfeição cristã, pois aliás, senão não teria chegado a corregedor e alferes-real.

destaques da semana

entrevista da semana pg. 39

teologia pública pg. 41

Entrevista da Semana

Flexibilização é dominação, afirma sociólogo espanhol

Entrevista com Juan José Castillo

Os espanhóis Juan José Castillo e Pablo López, pesquisadores na área da Sociologia do Trabalho, são autores do livro *El trabajo recobrado*. Buenos Aires: Miño Y Davila, 2005 – ainda sem tradução para o português.

Segundo Castillo, que esteve na Argentina participando do 7º Congresso de Estudos sobre o Trabalho, o objetivo da pesquisa, reunida no livro “foi buscar o trabalho perdido, ou seja, encontrá-lo nos espaços em que se esconde.” Com base na afirmação de que “nós procuramos com a finalidade de mostrar os empregos que aparentemente haviam desaparecido”, Castillo foi entrevistado pelo jornal *Página/12*, 11-9-05.

Eis a entrevista, que foi traduzida por Cesar Sanson, pesquisador do Cepat, a quem agradecemos:

Página/12 – O que encontraram na busca por empregos desaparecidos?

Castillo – Trabalhei dez anos para a Comunidade de Economia Européia, e o resultado da pesquisa realizada é que, à proporção que descemos na pirâmide do trabalho, diminuem as condições e as definições de emprego. O que encontramos, então, é uma escala de precarização, que inclui uma diminuição na capacidade de negociação dos trabalhadores. Temos analisado os centros do ócio, os parques temáticos, enfim, esses lugares que ninguém estuda e que são autênticos submundos de uma descarada exploração do ser humano.

Página/12 – E o que mais?

Castillo – Outro exemplo que aprofundamos foi o da Volkswagen de Pamplona: lá, ante o menor pedido de aumento, os empresários ameaçam transferir grande parte da produção da

empresa para Brastilava, onde estão fabricando, em sua maioria, o modelo Polo para exportá-lo. Na seqüência, a ameaça se amplia: se anuncia que uma secção irá para o Brasil. No dia seguinte, se fala da sucursal do México, no outro, da China. A arma patronal fundamental é esta: “Caso se apresentem muitas reivindicações, levamos a fábrica para outro lugar”. Esse argumento tem uma capacidade incrível de bloquear qualquer movimento trabalhista, especialmente no caso da Volkswagen de Pamplona, que é a vértebra da economia da cidade e da região. Estar na pele do sindicalista em uma situação de conflito dessas, também é difícil. São os próprios vizinhos que irão adverti-lo diante de um conflito: “O que estão fazendo? Estão arriscando tudo!”.

Página/12 – Você está de acordo em chamar esse processo de flexibilização?

Castillo - Eu nunca uso a palavra flexibilização, porque esconde muito mais do que diz. Costumamos entender por flexibilização que o empresário pode prescindir dos trabalhadores quando lhe dá vontade e convocá-los quando queira fazê-los trabalhar ao ritmo que lhe convenha. Isso não se chama flexibilização, chama-se dominação! É preciso fazer um esforço para precisar a linguagem.

Página/12 - Como qualificar, então, o que muda na definição de trabalho?

Castillo - É um processo de precarização para facilitar a demissão. E isso nem se trata de um problema de lucros, porque as indenizações são somas tão irrisórias que não é uma preocupação real para as empresas. Creio que isso tem mais a ver com o sustento da dominação e não está relacionado com a produtividade. Tomemos como exemplo o caso da

Telefônica. Falavam que a renovação tecnológica obrigaria a deixar de lado a maioria dos trabalhadores, mas logo os recontrataram por meio de empresas chamadas terceirizadas. A Telefônica passou, assim, de 65 mil trabalhadores para 15 mil nos últimos anos. Isso não é inovação tecnológica. A Telefônica necessitava desmontar o contrato coletivo, desarmar a organização dos trabalhadores e decompô-los em pequenos fragmentos e, quanto mais longe um do outro, melhor.

Página/12 - Ou seja, em definitivo, afastar a possibilidade do conflito.

Castillo - Exatamente. Creio que somente se pode entender a precarização tal como se dá na atualidade por uma dinâmica de poder.

O Diálogo Inter-religioso e a Aliança de Civilizações

Por Juan José Tamayo

Juan José Tamayo é diretor da cátedra de Teologia e Ciências das Religiões da Universidade Carlos III de Madri, e autor de, entre outros, **Fundamentalismo y diálogo entre religiones**. Madri: Trotta, 2004. De Juan José Tamayo, publicamos a entrevista que nos concedeu na edição 129ª do *IHU On-Line*, de janeiro de 2005, sob o título *Refundando a Teologia da Libertação*, um artigo sobre Dom Oscar Romero, na 133ª edição, de 21 de março de 2005, e outro artigo sobre pluralismo religioso, na 147ª edição, de 27 de junho de 2005. O artigo que segue, por nós traduzido, foi publicado no jornal *El País*, em 11 de setembro de 2005. Os subtítulos são nossos.

São cada vez em maior número os organismos internacionais e as personalidades mundiais que expressam seu apoio à Aliança de Civilizações, proposta pelo presidente do governo espanhol, José Luis Rodríguez Zapatero, em setembro de 2004, na 59ª Assembléia Geral das Nações Unidas, co-patrocinada por Recep Tayyip Erdogan, primeiro ministro da Turquia, fundador e líder do Partido Islâmico Moderado da Justiça e do Desenvolvimento. Respalhada por uma vintena de países, pela Liga Árabe e pela Organização da Conferência Islâmica, contou com o apoio institucional do secretário geral da ONU, Kofi Annan. Para o desenvolvimento da iniciativa, este tem praticamente ultimado um grupo de alto nível integrado por personalidades relevantes da política, da cultura e das religiões, co-presidido pelo espanhol Federico Mayor Zaragoza e o turco Mehmet Aydyn. A proposta contou com a recusa de José Maria Aznar, que a qualificou de estupidez, e com a falta de entusiasmo do presidente dos USA. O que não é de estranhar, já que ambos estão

identificados com a proposta do choque de civilizações de Huntington³⁷, que se converteu no guia da política de Bush, com a necessária colaboração de Tony Blair.

O diálogo entre as civilizações

O primeiro a fazer uma proposta semelhante foi o intelectual francês marxista, depois convertido ao islã, Roger Garaudy, faz três décadas, em sua emblemática obra *Diálogo de civilizações* (Cuadernos para el Diálogo, Madri, 1977)³⁸. A história da humanidade no futuro, dizia Garaudy então, não pode centrar-se no Ocidente, que nunca demonstrou uma superioridade cultural, mas se caracterizou por uma utilização militar e agressiva das técnicas das armas

³⁷ Nota de rodapé: Samuel Huntington, natural dos EUA, é autor do polêmico livro *O Choque das Civilizações e a recomposição da nova ordem mundial*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1997. (Nota da *IHU On-Line*)

³⁸ Em português: GARAUDY, Roger. *O Ocidente é um acidente: por um diálogo das civilizações*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1983. (Nota da *IHU On-Line*)

e do mar. Um projeto planetário para o futuro só pode nascer de todos, mediante um diálogo de civilizações que, “no plano da cultura nos ajuda a nos abrir a horizontes infinitos”. Um pouco mais de duas décadas após retomava a proposta Muhammad Jatami, presidente do Irã de 1997 a 2005, e a reiterava numa entrevista por ocasião de sua visita à Espanha em 2002: “De fato, as civilizações não tiveram guerras entre elas. Ao contrário, a civilização islâmica herdou muito das civilizações persa, romana, grega, hindu, chinesa..., e logo a civilização ocidental também se deixou influenciar pela civilização islâmica... Hoje, no mundo islâmico, podemos aproveitar muitos dos êxitos do Ocidente”.

O diálogo entre as religiões

Um dos campos que não deve descuidar a Aliança das Civilizações é o Diálogo entre as Religiões. Vejamos por quê. As religiões constituem o núcleo duro das culturas e das civilizações e, com frequência, são as mais resistentes ao diálogo. Nelas nasceram e se desenvolveram os distintos fundamentalismos, que se declaram em guerra contra a modernidade, a secularização, a laicidade e o pluralismo religioso e cultural, ao mesmo tempo que se convertem numa grande ameaça para a convivência cívica. A história demonstra que as religiões, em sua maioria, se sentiram mais cómodas em regimes ditatoriais, os quais têm legitimado de distintas formas, como em estados laicos, cujo derrocamento têm apoiado não poucas vezes. A organização interna das religiões não se caracteriza nem pelos hábitos democráticos, nem pelo reconhecimento dos direitos humanos. Pelo contrário, quase todas se estruturam de maneira hierárquico-piramidal e se configuram como verdadeiros “patriarcados”.

A relação entre religião e violência

Tem-se acusado as religiões, e creio que com razão, de fomentar atitudes violentas entre os seus seguidores, convertidos, com frequência, em “cruzados” e, inclusive, de haver sido fontes de violência. Para isso, não é preciso mais do que recorrer aos seus textos sagrados. A Bíblia hebraica, afirma Norbert Lohfink³⁹, é um dos livros mais repletos de sangue da literatura mundial. Chegam a mil os textos que se referem à ira de Javé que se acende e castiga com a morte. Na Bíblia cristã, observa o mesmo autor, o acontecimento central é a monstruosa ação sangrenta do assassinato de Jesus de Nazaré, em que também aparece a imagem de um Deus sanguinário, ao menos de maneira indireta, na interpretação que alguns textos oferecem da morte de Cristo. Muitas imagens do Alcorão sobre Alá não são menos violentas que as da Bíblia judaica e da cristã. O Alá de Muhammad, como o Javé dos profetas, se mostra implacável com os que nele não crêem. As religiões também têm se manifestado contra a liberdade religiosa, até impor a pena de morte aos apóstatas, em clara contradição com o Deus da vida em quem dizem crer, e a favor da discriminação dos seres humanos em função de suas crenças.

As tradições religiosas que incitam à violência ou a justificam, e as que discriminam as mulheres e os não-crentes, não podem impor-se como normativas aos seus seguidores, devem ser excluídas das práticas das religiões, bem como do imaginário coletivo da humanidade. Isso exige levar a cabo uma interpretação dos textos sagrados com base na perspectiva dos direitos humanos.

³⁹ Norbert Lohfink: exegeta alemão, jesuíta. Autor de inúmeros livros sobre a exegese dos livros judaicos, é especialista no livro do Deuterônomo. (Nota da *IHU On-Line*)

Religião: fonte de cultura e sabedoria

Mas as religiões têm seu pólo positivo. São um dos caudais culturais mais apreciados da humanidade e uma fonte inesgotável de sabedoria. Nelas se encontram algumas das grandes questões antropológicas e cósmicas que o ser humano levantou desde as origens da humanidade, questões sobre a origem e o futuro do universo e outras tantas tentativas de resposta que contribuíram para o desenvolvimento do pensamento em suas diferentes modalidades: mítico, filosófico, científico, simbólico, etc. O espírito religioso, dizia Ernst Bloch⁴⁰, é algo mais que ideologia e alienação; é a manifestação mais intensa e radical da esperança: “Onde há esperança, há religião”. O que define as religiões é a relação direta, pessoal e gratuita com a divindade ou com as divindades, e a solidariedade com o próximo. Elas contam com importantes tradições pacificadoras e com personalidades comprometidas na luta pela paz e pelos direitos humanos: Buda, Confúcio, Jesus de Nazaré, Francisco de Assis, Luther King, Dalai Lama, Shirim Ebadi⁴¹, Ellacuría⁴², etc.

⁴⁰ Ernst Bloch: considerado um dos grandes filósofos alemães do século XX, foi um marxista heterodoxo que construiu vasta obra que ressalta o papel da utopia na história do homem. Seu livro *O Princípio Esperança*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005, foi destacado na editoria *Livro da Semana* da 151ª edição da revista *IHU On-Line*, de 15 de agosto de 2005, com a realização de duas entrevistas sobre a obra: uma com o tradutor do livro, Nélcio Schneider, e outra com o professor da UFRGS, Edson Sousa. (Nota da *IHU On-Line*)

⁴¹ Shirim Ebadi: advogada iraniana, vencedora do Prêmio Nobel da Paz de 2003, por seu trabalho especialmente focado no esforço pelos direitos das mulheres e das crianças. (Nota da *IHU On-Line*)

⁴² Ignácio Ellacuría: filósofo, especialista em Zubiri, jesuíta, foi assassinado no dia 15 de novembro de 1988, juntamente com mais quatro companheiros jesuítas e duas senhoras, em San Salvador, El Salvador. Ele era reitor da Universidade Centro

O diálogo entre as religiões como alternativa para a humanidade

O choque de civilizações e a guerra de religiões não podem converter-se em leis da história. São, antes, uma construção ideológica do Império para manter o poder sobre a humanidade e, se nos descuidarmos, sobre as consciências de todos os cidadãos. O Império considera o Deus judaico-cristão como seu aliado e o cristianismo como sua religião, enquanto qualifica o islã como a civilização menos tolerante das religiões monoteístas. A alternativa não pode ser outra senão o diálogo entre as religiões, pois “sem diálogo, o ser humano se asfixia e as religiões se anquilosam” (Raimon Panikkar⁴³). E isso por várias razões. A primeira procede da história das religiões, que mostra a pluralidade de manifestações do sagrado, do divino e do mistério. A segunda emana da filosofia, que mostra o caráter dialógico do conhecimento e da razão: esta é comunicativa, não autista. A terceira tem sua base no enfoque intercultural: nenhuma cultura ou religião possui a verdade plena e exclusiva; é preciso buscá-la conjuntamente. O diálogo inter-religioso, em quarto lugar, constitui um imperativo ético para a sobrevivência da humanidade, a paz no mundo e a luta contra a pobreza. Em torno de cinco

Americana, em San Salvador, confiada à Companhia de Jesus. Ele e seus companheiros foram barbaramente assassinados por terem conseguido fazer da Universidade uma importante força social na luta pela promoção da justiça social. (Nota da *IHU On-Line*)

⁴³ Raimon Panikkar: padre e teólogo, nascido em Barcelona, em 1918. Durante a sua carreira acadêmica teve a oportunidade de abordar diferentes tradições culturais. Publicou mais de 40 livros e 300 artigos de filosofia, ciência, metafísica, religião e hinduísmo. Atualmente é membro do Instituto Internacional de Filologia (Paris) e presidente do Vivarium (Centro de Estudos Interculturais da Catalunha). (Nota da *IHU On-Line*)

bilhões de seres humanos estão vinculados a alguma tradição religiosa e espiritual; caso se puserem em pé de guerra, o mundo se converteria num colosso em chamas, mas se se

comprometerem com a paz e a justiça, a humanidade será mais justa e pacífica. Por isso, a Aliança das Civilizações, o Diálogo Inter-religioso e a Aliança contra a Pobreza são propostas complementares.

Uma cultura do consenso

Por Reyes Mate

Traduzimos e publicamos o artigo a seguir, de autoria do filósofo espanhol **Reyes Mate**, e publicado no jornal **El País**, em 11 de setembro de 2005. Reyes Mate é professor e pesquisador do Instituto de Filosofia de Madrid. Estudou em Paris, Roma, Münster e Madrid e foi diretor do Instituto de Filosofia de 1990 a 1998. Pertence ao Conseil Scientifique du Collège International de Philosophie de Paris. Tem uma vasta obra publicada. Entre seus livros publicados citamos **Memoria de Auschwitz. Actualidad moral y política**. Madrid: Trotta, 2003; **Por los campos de exterminio**. Barcelona: Anthropos, 2003; e **Tolerancia y religión**, Barcelona: Anthropos, 2003. De Reyes Mates publicamos o artigo O outro da religião, na edição número 127 da **IHU On-Line**, de 13 de dezembro de 2004, e uma entrevista que realizamos com ele na 128ª edição, de 20 de dezembro de 2004. Reyes Mate estará na Unisinos durante o IX Simpósio Internacional da Associação Iberoamericana de Filosofia Política e VIII Colóquio de Filosofia Unisinos, de 19 a 21 de outubro. Os subtítulos são nossos.

Em setembro de 1993, se firmou, em Chicago, o manifesto *Princípios de uma ética mundial*. O parlamento das religiões do mundo, após constatar uma convergência mínima entre as confissões mais difundidas, entendeu que havia chegado a hora de delinear uma estratégia comum para fazer frente aos grandes problemas do mundo: a crescente pobreza, a fome, crianças que são assassinadas e que assassinam, a corrupção política, o saque do planeta, o crime organizado, os conflitos étnicos... O projeto de uma Aliança de Civilizações não tem certamente melhor precedente que o colossal esforço que supôs a gestação deste manifesto.

É bem verdade que o terrorismo não está no centro de suas atenções, mas tampouco ausente. Os quatro princípios que devem servir de marco para essa

ética mínima dão disso testemunho: a não-violência e o respeito a toda vida; a solidariedade numa ordem econômica justa; a tolerância e uma vida vivida com veracidade; a igualdade de direitos e a fraternidade entre homens e mulheres. Por pouco que se avance nas causas do terrorismo, nos encontraremos com esses mesmos problemas – violência estrutural, intolerância, injustiça ou desprezo do direito – e as respostas não serão muito diferentes.

A falência de um manifesto

Daquela “sinal de esperança”, como disseram os que o assinaram, não resta quase nada. A ONU acaba de nos recordar que as desigualdades sociais aumentaram durante a última década, para não falar da insegurança no mundo após os atentados de Nova York, Madri e

Londres ou do desprezo ao direito que supôs a invasão do Iraque. Por que ficou transformado num intento falido este manifesto? Eis uma pergunta que pode interessar aos que se prestem a uma nova aventura.

É verdade que a ética não possui divisões que garantam pela força seu cumprimento. O fato de que foram os estados, e não as religiões, os sujeitos dos novos compromissos, garantiriam em maior grau que seja posto em prática. Como as condutas dos cidadãos, porém, são definitivas em qualquer estratégia civilizatória, mais vale continuar perguntando-nos como conseguir a identificação do homem a pé com o programa resultante da famosa aliança. A pergunta inquietante segue sendo esta: por que a ética de pontos mínimos, pautada por tradições ou instituições de grande porte moral, não mobilizou nada contra os perigos que ameaçam o homem e o mundo?

O mal ocidental

Quem sabe, a resposta tenha que ser buscada, revolvendo no que poderíamos chamar de “o mal ocidental” em sua versão moderna, um mal que aflige a este tipo de manifestos, apesar de ter sido firmado por representantes do budismo, do hinduísmo, do islã ou do taoísmo. Em sua versão antiga, felizmente evitada pelo escrito de Chicago, “o mal ocidental” confundia universalidade com ocidentalização. A superioridade cultural da Europa consistia em haver ganho a *pole position* da humanidade em sua corrida para a conquista do progresso. Os demais povos não tinham mais opção senão seguir a estrela ou permanecer na pré-história. Assim, Ginés de Sepúlveda⁴⁴

⁴⁴ Juan Ginés de Sepúlveda: filósofo e teólogo espanhol. Segundo ele, os índios, assim como os negros, não tinham almas, não eram passíveis de salvação, não eram filhos de Deus, o que permitia sua escravização. (Nota da *IHU On-Line*)

legitimou a conquista da América pelos espanhóis, Condorcet⁴⁵, a da África pelos franceses e Hegel forneceu munições para os desvarios imperialistas de “germânicos e cristãos”. Renan expressava, com ingênua periculosidade, essa consciência, quando dizia que “se todos fossem tão cultos como ele, seria inconcebível haver dano”. A cultura ocidental é a expressão quase natural da humanidade e nada de desumano cabe esperar dela. Tem sido a existência do campo de Buchenwald, a poucos quilômetros de Weimar, a cidade de Goethe, quer dizer, da arte, das preocupações intelectuais mais elevadas, das ciências da natureza e da erudição mais sedutora, a que acabou com esse mito que identificava humanidade com civilização ocidental. Agora já sabemos que não há um só documento de cultura que, embora seja ocidental, não seja ao mesmo de barbárie.

A trivialização do passado

A nova versão do “mal ocidental” é muito mais sutil. Consiste na trivialização do passado. A Europa cunhou, no século das luzes, uma fórmula para resolver conflitos, à qual não parece disposta a renunciar. Às mentes mais lúcidas daquele tempo, como era a de Rousseau, não escapava o detalhe de que as desigualdades de seu tempo não eram produto da fatalidade ou da natureza, e sim resultado da ação do homem, ou seja, eram injustiças. Era preciso pôr remédio e não lhes ocorreu outra coisa senão declarar todos os habitantes do país iguais. O futuro do país dependeria da vontade de todos e cada um de seus membros. Estavam oferecendo aos desiguais a democracia ao preço, isso

⁴⁵ Marquês de Condorcet (1743-1794): filósofo e matemático francês ligado ao enciclopedismo. Foi o primeiro a formular uma ciência objetiva para a sociedade, livre dos interesses dos poderosos da época. (Nota da *IHU On-Line*)

sim, de que não resolveriam o passado e se esqueceriam das causas das desigualdades presentes. Para assegurar a convivência no futuro, era preciso renunciar à justiça. Este modo de proceder é o do manifesto obsessional em pactuar princípios entre herdeiros das fortunas e dos infortúnios, em vez de abrir o expediente das responsabilidades.

O abismo entre os povos

É lógico que, quem tenha tirado melhor partido, queira ou não, possa esquecer, mas o outro não pode. A historiografia sobre estados coloniais nos ilustra sobre o abismo que há entre povos que até anteontem viveram em estreita relação. Para a França do século dezenove, por exemplo, o árabe não era um selvagem, senão um bárbaro: o primeiro vive submetido a instintos primários, enquanto o segundo está conformado por uma religião que perverte a natureza, a razão e a vontade. O fanatismo do árabe está determinado por sua crença islâmica que potencia os piores instintos do selvagem. Nada cabe esperar de um árabe de cultura islâmica. Montesquieu ousou elevar a uma lei sociológica o resultado de suas investigações. “Que o governo moderado concerne melhor à religião cristã e o governo despótico, à maometana”. Em suma, dada a barbárie islâmica e a ameaça que representam para a civilização cristã/ocidental, “tudo é permitido, já que não deixam outra alternativa que a de destruí-los ou ser destruídos por eles”.

Pretender agora que os povos que tenham sofrido a violência resultante da visão do mundo que os ocupantes tinham deles, o esqueçam em nome de uma Aliança de Civilizações, é uma ingenuidade. Se, como escreve Eduardo Galeano, “antes de ser marcados, com ferro candente, na face ou no peito, todos os negros recebiam uma boa salpicada de água benta”, é evidente que cada vez que

seus netos se encontrem com culturas pós-cristãs, recordarão a cicatriz do avô. Qualquer estratégia teórica ou prática de uma aliança entre civilizações será um inócuo acordo entre a *crème de la crème* das distintas civilizações, se não centrar a aliança na assunção de responsabilidades. Isso não significa “jogar a culpa do terror na democracia”, senão reconhecer a autoridade dos que sofreram a marcha da história.

Além de tudo, uma cultura da responsabilidade

Convém recordar que, embora o espírito dominante da modernidade europeia esteja marcado pela síndrome da ocidentalização (que confunde com universalidade) e pelo esquecimento (porque, o que importa é o futuro), também possui, embora oxidada pelo tempo, uma cultura da responsabilidade que não se resolve em consensos ou pontos mínimos.

Todorov topou com ela quando, a propósito da conquista da América, assinala que a vantagem dos espanhóis sobre os indígenas consistiu em que os conquistadores puderam interpretar o sistema organizativo dos indígenas como diferente, enquanto estes julgaram os recém-chegados, fundamentados em seus próprios conceitos. O resultado? Os conquistadores puderam medir o outro sistema, julgá-lo e compará-lo com o seu, enquanto os indígenas colocaram a novidade num nicho do próprio sistema, o reservado aos semideuses. Essa capacidade cultural de ver o outro em sua diferença – embora no caso analisado por Todorov⁴⁶ se utilizasse em função do domínio e não do reconhecimento – abre as portas a um reconhecimento do sofrimento do outro que não apela ao

⁴⁶ Tzvetan Todorov: filósofo e historiador búlgaro, é também crítico da linguagem de renome internacional. (Nota da *IHU On-Line*)

consenso ou à aliança, senão à responsabilidade. A Europa, além de uma cultura do olho que tudo vê como projeção de si mesmo, tem outra do ouvido no qual a escuta é a que dispara o conhecimento e a ação.

Em suma, resulta que a Aliança de Civilizações pode ser proposta com base em uma cultura do consenso ou em outra, a da responsabilidade. Na primeira alternativa, caso se consiga, ficarão satisfeitas as elites das civilizações; na

segunda, terão o protagonismo das feridas causadas por encontros passados e presentes. O fato de que todo o sofrimento acumulado por passados coloniais, protetorados marciais ou qualquer outra forma de opressão se tenham cristalizado em ódio ou ressentimento contra o Ocidente, dá uma idéia do esforço material e espiritual que este último tem que investir, caso se leve a sério o projeto da Aliança de Civilizações.

IHU em revista

eventos pg. 49

IHU Repórter pg. 66

Carta do leitor pg. 69

Seminário Erico Verissimo na opinião dos participantes

Ocorreu na semana passada, de 12 a 14 de setembro, o **Seminário Erico Verissimo: vida, obra e atualidade**. O evento, promovido pelo Instituto Humanitas Unisinos, registrou o centenário de nascimento do escritor, e abriu espaço na comunidade acadêmica para avaliar-se a trajetória da produção realizada em tantos anos de dedicação à literatura.

Mais de 150 pessoas participaram das conferências, oficinas e minicursos, ministrados por professores de dentro e de fora da Unisinos. Leia, a seguir, a opinião de quem conferiu a programação:

Ecos do evento

“Erico Verissimo é um grande escritor. Eu sabia pouco sobre ele, porque havia lido poucas obras de sua autoria e vim para aprender mais. A programação do evento contou com palestrantes de grande nome. Melhor é impossível. Trabalhamos com grandes intelectuais e profundos conhecedores da obra de Erico. Eu havia aprendido que Erico Verissimo era apenas um contador de histórias. Saio daqui feliz e com argumentos para explicar que ele é muito mais do que isso. É escritor de uma obra complexa e, ao mesmo tempo, simples, o que justifica sua tamanha popularidade no Brasil e até fora dele”.

Elaine Lauch, aluna do curso de Especialização em Literatura na Unisinos.

“Desde criança, gosto muito do Erico Verissimo. Ganhei o primeiro livro dele aos 13 anos e com 16 eu já tinha lido os sete volumes de *O tempo e vento*. Gostei muito do seminário. Todas as conferências e oficinas foram muito boas. Pena que só pude participar de duas oficinas; queria ter feito todas. A conferência da professora Sandra Pesavento foi ótima, por sua alta qualificação e pela carga de conhecimentos que ela tem e soube passar tão bem. Erico Verissimo é o escritor que conseguiu fazer muito bem uma leitura do nosso povo gaúcho, da nossa gente, da nossa cultura. Ele soube expressar seus posicionamentos e fazer com que nós tivéssemos posicionamentos próprios e abertos. Erico nos coloca em xeque, de frente com nós mesmos. De forma sutil, ele nos faz duvidar do espelho, do reflexo que ele nos apresenta, de forma inteligente, audaciosa e valiosa”.

Rodrigo Monteiro, aluno do curso de Letras na Unisinos.

“Fiz o curso pela vaga que foi oferecida em minha escola e gostei bastante. Apesar de eu já ter um certo conhecimento da obra de Erico Verissimo, o evento enriqueceu meus conhecimentos e confirmou o que eu já pensava sobre o autor. Tudo o que aprendi será

ótimo para passar aos meus alunos. Terei vários motivos para incentivá-los à leitura. Valeu a pena”.

Lisiane Walter, professora na rede municipal de São Leopoldo.

“Decidi fazer o seminário para voltar à universidade. Tenho muita vontade de estudar Letras e Literatura. Fiquei encantado com o evento, principalmente com as conferências dos professores Sergius Gonzaga, Sandra Pesavento e Flávio Loureiro Chaves. Também gostei de ter contato com essa dicotomia que existe na formação do Rio Grande do Sul entre lusitanos (Pinto Bandeira) e missionários (Sepé Tiaraju). Erico Verissimo ainda é um autor muito atual. A greve dos coveiros narrada na obra *Incidente em Antares*, deixando os cadáveres apodrecendo, fez feder da mesma forma que hoje fede nossa federação”.

Mauro Cabral dos Santos, formado em Ciências Jurídicas e Sociais pela PUCRS e funcionário inativo da Justiça Federal.

IHU Idéias

As novas tecnologias de informação e o Brasil

Na última sessão do evento **IHU Idéias**, realizada dia 15 de setembro, o tema *Novos serviços utilizando tecnologias da informação: oportunidades para o Brasil*, foi apresentado pelo Prof. Dr. Paulo Bastos Tigre, do Instituto de Economia Industrial da UFRJ. Confira na 155ª edição da *IHU On-Line* uma entrevista com o professor sobre o tema do evento.

Ecos do evento

“Achei muito interessante essa palestra, por tratar de um assunto em grande crescimento no mundo. Lamento que o Brasil ainda fique para trás, mesmo com ampla capacidade de crescer. Para isso, só precisa de mudança cultural. O ponto de vista apresentado pelo professor foi muito interessante”.

Tiago Hendges, bacharel em Ciências da Computação e aluno do curso de especialização em Tecnologias da Informação da Feevale.

“Fiquei encantada com o projeto do evento **IHU Idéias**, que é gratuito e trabalha com temas transdisciplinares, sempre em palestras curtas, já que o nosso tempo hoje é sempre escasso. Acho que deveria ser mais divulgado para o público externo. Sobre a palestra dos novos serviços, usando tecnologias da informação, posso dizer que gostei do foco empresarial dado pelo professor Paulo Tigre. Fiquei interessada por essa possibilidade de explorar economicamente as áreas de tecnologias da informação”.

Ana Umpierre, bibliotecária na Uniritter e aluna do curso de especialização em Tecnologias da Informação da Feevale.

Os papéis das emoções na vida social

No dia 22 de setembro, próxima quinta-feira, o **IHU Idéias** terá como tema a discussão sobre Ética e sentimentos morais. O professor Dr. Thomas Kesselring, da Universidade de Berna, da Suíça, estará conduzindo a explanação das 17h30min às 19h, na sala 1G119 do IHU.

Thomas Kesselring cursou, nas Universidades de Berna e de Heidelberg, seus estudos em Filosofia, Língua e Literatura alemã, Linguística e Cultura Oriental. Em 1975, recebeu diploma de professor de ginásio (em Filosofia e Língua Alemã). Cursou doutorado em Filosofia na Universidade de Heidelberg. Sua tese foi sobre a obra de Jean Piaget, sendo publicada em 1981 com o título *Desenvolvimento e Contradição* [em alemão: *Entwicklung und Widerspruch*]. Kesselring trabalhou na Universidade Livre de Berlim como professor assistente em Filosofia, em um livro sobre a dialética de Hegel, que saiu em 1984 sob o título **A Produtividade da Antinomia** [em alemão: *Die Produktivität der Antinomien*]. Em 1987, obteve o título de pós-doutor pela Universidade Livre de Berlim com o trabalho mencionado sobre a dialética de Hegel. No mesmo ano, outro livro, **Jean Piaget**, é publicado. Ele foi traduzido para o português, pela Editora Vozes, de Petrópolis, em 1993, com segunda edição em 1994.

Thomas foi professor visitante na Faculdade de Filosofia e Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Além do trabalho na universidade, acompanhou um curso de alfabetização de adultos numa favela da periferia de Porto Alegre. É também livre-docente em Filosofia pela Universidade de Berna. Atualmente, é professor de Ética na formação de professores e de professoras de escolas no Cantão de Berna, Suíça. Em 2003, publicou o livro **Ética da Ajuda pelo Desenvolvimento. Justiça na Época da Globalização**. Munich: Ed. Beck

O artigo que segue foi elaborado pelo professor exclusivamente para a revista **IHU On-Line** e versa sobre o tema que ele apresentará no **IHU Idéias** da próxima quinta-feira.

Ética e sentimentos morais

Por Thomas Kesselring

Por muito tempo, as emoções foram negligenciadas pela filosofia prática e também pelos estudos sobre o desenvolvimento do juízo moral na psicologia genética (por exemplo, nas obras de Piaget e Kohlberg). Uma das razões principais desta negligência é a

grande influência que a ética de Kant exercitava, e ainda exercita, na filosofia contemporânea. Kant explicou a ação moral exclusivamente na base da razão. Segundo Kant, o critério da moralidade de uma ação é ligado ao motivo do ator. Se ele age com a finalidade de cumprir

seu dever (um dever que corresponde às regras que o imperativo categórico prolifera), então a ação é moralmente boa. Se, no entanto, o ator age na base de uma inclinação qualquer, então a ação não cumpre o critério da moralidade. Segundo este critério de Kant, as emoções são excluídas do âmbito da moral.

Já F. Schiller, escritor e filósofo contemporâneo de Kant, criticou este aspecto da ética kantiana. Ele mostrou que a inclinação não necessariamente corrompe a ação moral. Mas Schiller teve pouca influência na ética das décadas passadas.

Desde a década de 1990, a Filosofia, como também a Psicologia (que por muito tempo tampouco se interessava pelo papel eminente das emoções e dos sentimentos na vida humana) vêm redescobrando as emoções. A literatura sobre este assunto hoje está literalmente explodindo. A redescoberta das emoções ocorre tarde, mas de forma decisiva. Mesmo na pesquisa filosófica, o âmbito das emoções é tão amplo que quem entra nele facilmente se esquece das questões que há poucos anos ainda preocuparam boa parte dos trabalhos sobre ética, quer dizer, as questões da fundamentação da ética.

Com a minha conferência tenho dois objetivos. Primeiro queria dar uma idéia da variedade dos papéis que as emoções desempenham no âmbito da moral e na vida social em geral. No âmbito da moral algumas das nossas emoções funcionam

como mecanismos de sanção, e no âmbito da nossa vida social as emoções acompanham toda a nossa comunicação e boa parte da nossa interação social. Por um lado, então, as nossas emoções morais testemunham a avaliação ética à qual nós submetemos o comportamento e as ações humanas (alheias assim como próprias). Por outro lado, qualquer intervenção das nossas emoções em nosso comportamento pode, ela mesma, estar sujeita a uma avaliação moral.

Em segundo lugar, queria mostrar que, apesar de toda a racionalidade implícita que as nossas emoções mostram, a razão “pura” (no sentido de razão que transcende nitidamente o plano das emoções) permanece imprescindível quando tentamos justificar o nosso comportamento emocional (ou as nossas ações) como também quando tentamos justificar a nossa moral, quer dizer, o nosso sistema de critérios morais com o qual costumamos justificar o nosso comportamento emocional (ou as nossas ações). Nós não podemos nos desfazer totalmente do “jogo das justificações” pelo simples fato de que nós vivemos numa sociedade multicultural, sociedade na qual convivem grupos sociais com diferentes sistemas de valores e diferentes sistemas de critérios morais. Num tal contexto, a renúncia à justificação e à tentativa de fundamentar os nossos critérios morais (ou éticos) seria pouco propícia, pois ela nos levaria a um relativismo.

Religião e Juventude

As relações entre religião e juventude serão tema da última edição do evento **IHU Idéias** do mês de setembro, a ser realizada no próximo dia 29, das 17h30min às 19h, na sala 1G119 do IHU. A Prof.^a Dr.^a Léa Freitas Perez, da UFMG, é a responsável pela explanação. Agende-se e participe desta atividade, que é gratuita e aberta a toda a comunidade.

Confira a programação do IHU Idéias para o mês de outubro:

- 06/10/05** - Modelos alternativos para a resolução de conflitos nos pensamentos judaico, islâmico e cristão - Prof. Dr. Marcelo Dascal – Prof. visitante do PPG em Filosofia
- 13/10/05** - A influência do capital social na saúde coletiva - Prof. Dr. Marcos Pascoal Pattussi – Unisinos
- 20/10/05** - A cozinha temática: da tradicional à Fusion - Prof.^a Dr.^a Maria Eunice Maciel - UFRGS
- 27/10/05** - Pecados do Brasil na mira da Inquisição - Prof. Dr. Ronaldo Vainfas – UFF/RJ

Ciclo de Estudos sobre o Brasil no Quarta com Cultura Unisinos

O livro *O retrato*, segunda parte da trilogia *O Tempo e o Vento*, de Erico Veríssimo, será estudado na próxima edição do **Ciclo de Estudos sobre o Brasil**, como uma atividade do programa **Quarta com Cultura Unisinos**. A Prof.^a MS Célia Dóris Becker, das Ciências da Comunicação da Unisinos, é a responsável pela apresentação da obra no evento, que se realizará dia 21 de setembro de 2005, das 19h30min às 21h30min, na Livraria Cultura, localizada no Bourbon Shopping Country, em Porto Alegre. Célia Dóris é graduada em Letras pela Unisinos. É mestre em Teoria da Literatura pela PUCRS, com a dissertação *Histórias que contam a história: A História do Brasil na literatura para crianças*. Atualmente, é doutoranda em Teoria Literária, na PUCRS, com uma tese que discute a obra *O Retrato*. A professora concedeu uma entrevista para a revista **IHU On-Line** sobre Erico Verissimo, na edição número 154, de 8 de agosto de 2005. Ela foi também ministrante do minicurso *O Tempo e o Vento*, no **Seminário Erico Veríssimo**, promovido na semana passada pelo IHU. Confira, a seguir, a entrevista que Célia Dóris Becker concedeu à revista **IHU On-Line**, por e-mail, na última semana.

***IHU On-Line* - Qual o maior legado de Erico Veríssimo com a obra *O Retrato*? Como ela auxilia a conhecer o Brasil?**

Célia Dóris Becker – A segunda parte da saga de Erico Veríssimo — *O Retrato* — focaliza a vida do Dr. Rodrigo Cambará, que vive em Santa Fé, entre os anos de 1909 e 1915. Jovem, recém-formado, cheio de ideais, seu maior desejo é modernizar, a partir do Sobrado, a cidade onde nasceu e cresceu. Tendo em vista esse objetivo, envolve-se com a política, somando-se às fileiras do mesmo partido político de seu pai, o Partido Republicano. No Rio Grande do Sul, as facções ideológicas dividem os santafesenses, revelam-se insatisfações e o Dr. Rodrigo se envolve, direta e profundamente, na oposição à administração da cidade. Embora em termos pessoais Rodrigo seja caracterizado como um homem conflitado consigo mesmo, é o líder que se projeta no campo político e que vai se transformar no homem da era getuliana. Para essa representação, o leitor percebe a contribuição de muitas vozes. Ao conceber o projeto de *O tempo e o Vento*, Erico definiu como objetivo a desmitificação da História. Penso que a polifonia de vozes que se entrecruzam na narrativa permite ao leitor a abordagem das diversas perspectivas que discutem e refletem sobre os acontecimentos desse período da vida nacional.

***IHU On-Line* - Em que a história dos primeiros anos de Rodrigo Terra Cambará pode contribuir para compreender a essência do que Erico Veríssimo pretendia transmitir aos leitores de suas obras?**

Célia Dóris Becker – Há um elemento importante a ser considerado aqui: a verossimilhança. Voltando ao objetivo anteriormente referido, considero que, essencialmente, Erico tenha evitado representar o Dr. Rodrigo como um ser

humano que foge ao comum. Rodrigo representa o homem da era getuliana (para muitos críticos não é mais do que uma caricatura política da ditadura getulista). Envolvido pela política, vai dividir sua vida entre Santa Fé e o Rio de Janeiro, vai estar sujeito a reivindicações, vai ser envolvido por propostas, por negociações. Resistir ou sucumbir a elas? O leitor deve se deparar com uma escolha que seja coerente com o que observa no contexto nacional. Assim, a representação de um Rodrigo dividido, impulsivo, vulnerável a solicitações do mundo político se impõe e permite a compreensão das vaidades de Rodrigo em seus primeiros anos.

***IHU On-Line* - Qual a crítica de Erico ao Estado Novo?**

Célia Dóris Becker – Pelos valores humanistas e democráticos defendidos por Erico, o Estado Novo não se coadunava com sua maneira de pensar (mais tarde, tampouco, o regime militar). Acredito que o cerceamento da liberdade tenha sido a maior crítica. Ele não aceitava, de maneira alguma a privação, da liberdade, a imposição da censura prévia ao trabalho dos intelectuais, dos artistas. Ao lhe ser imposta a censura prévia aos contos que narrava às crianças no programa “Amigo Velho”, Erico preferiu suspendê-lo a se submeter.

***IHU On-Line* - Por que Rodrigo Terra Cambará é criado como o herói da narrativa?**

Célia Dóris Becker – A meu ver, o termo mais adequado é protagonista. Por que foi criado como protagonista... Necessariamente, “alguém” precisava assumir a representação do descendente dos Terra Cambará e que representasse a figura o homem do momento de transição na História do Rio Grande e do Brasil. Não podemos nos esquecer de que *O tempo e o Vento* constitui a saga de

uma família ao longo de 200 anos da História do Rio Grande. O rural e o urbano são conhecidos de Rodrigo: no campo estão suas origens; na cidade, tudo o que admira na civilização: a arte, o progresso...

***IHU On-Line* - Quem seria o herói para Erico na sociedade atual?**

Célia Dóris Becker - Vou atribuir ao termo herói o sentido tradicional da palavra: "homem extraordinário por seus feitos guerreiros, seu valor ou sua magnanimidade". Nesse sentido, considerando o momento que vivemos, não há mais heróis. Erico não aceitava mitos, muito menos heróis. O trabalho desenvolvido, ao longo de sua carreira, visou à desmitificação dos mitos da sociedade. Se Erico estivesse vivo e criasse um romance sobre o momento e a sociedade atual, provavelmente não se destacaria um protagonista na multiplicidade de vozes que ele criaria para nos fazer refletir sobre a realidade. Veja-se ***Incidente em Antares..***

***IHU On-Line* - Quais as semelhanças e**

diferenças entre Rodrigo Terra Cambará e o Capitão Rodrigo?

Célia Dóris Becker - Ambas as personagens apresentam pontos em comum: são encantadoras, charmosas, envolventes, conquistadoras. Diferenciam-se em dois aspectos: um relacionado com a psicologia; o outro, com o nível cultural. Psicologicamente, o Capitão Rodrigo é mais autêntico, transparente nas suas ações. Não vive grandes dramas de consciência: luta pelo que almeja, sabe exatamente o que quer. Seu bisneto possui uma personalidade mais complexa, já não se revela de forma tão aberta. Vive uma ambigüidade entre o pensar e o agir. Por um lado, tem consciência de que muitas de suas ações são eticamente erradas; por outro, não tem firmeza nas escolhas e suas ações vão contrariar o altruísmo. Culturalmente, o Capitão Rodrigo difere dos homens de Santa Fé: aprecia as produções da cultura popular, toca violão, sabe ler. O bisneto, por sua vez é um homem ilustrado, sofisticado mesmo, na cultura clássica europeia: aprecia literatura, principalmente a francesa; gosta de música, do canto lírico.

Ciclo de Estudos Desafios da Física para o Século XXI

A cosmologia de Newton será debatida no próximo encontro do **Ciclo de Estudos Desafios da Física para o Século XXI: uma aventura de Copérnico a Einstein**. Quem conduz a explanação é o Prof. Dr. Ney Lemke, da Unisinos. O evento acontece dia 21 de setembro, das 17h30min às 19h, na sala 1G119 do IHU. Lemke é professor do Programa Interdisciplinar de Computação Aplicada da Unisinos. É graduado, mestre e doutor em Física pela UFRGS. No dia 3 de novembro de 2004, durante o evento **Abrindo o Livro**, o professor Ney apresentou a obra **The Computational Beauty of Nature: Computer Explorations of Fractals, Chaos, Complex Systems and Adaptation**, de G. W. Flake. Cambridge: The MIT Press, 2000. Sobre ela, concedeu uma entrevista à **IHU On-Line**, publicada na matéria de capa da 120ª edição, de 25 de outubro de 2004.

Ele também foi o responsável por apresentar o tema Bioinformática: uma nova perspectiva para compreender a vida no evento **IHU Idéias**, do dia 28 de outubro de 2004. A **IHU On-Line** entrevistou o professor Ney Lemke na 69ª edição, de 4 de agosto de 2003, sobre as possibilidades dos softwares livres e sua compatibilidade com os comerciais. Também publicamos, na editoria Livro da Semana, da edição número 130, de 28 de fevereiro de 2005, a resenha escrita pelo professor Dr. Ney Lemke do livro **A vida do cosmos**, de Lee Smolin.

A entrevista a seguir é sobre a cosmologia de Newton e foi concedida pelo professor Ney, por e-mail, com exclusividade para a revista **IHU On-Line**.

Investigar fenômenos, utilizando abstrações matemáticas

Entrevista com Ney Lemke

***IHU On-Line* - Quais as maiores contribuições de Newton à física moderna? Que revoluções causadas por suas descobertas o senhor destacaria?**

Ney Lemke - As contribuições de Newton perpassam todas as áreas da Física e muitas áreas da Matemática. Entre elas, podemos destacar as Leis de Newton e a Gravitação Universal. A contribuição mais relevante e perene de Newton, no entanto, se refere ao método que desenvolveu para propor e testar suas teorias, que, em linhas gerais, pode ser resumido em: criação de modelos matemáticos; resolução dos modelos, utilizando métodos matemáticos rigorosos; comparação das previsões com experimentos e observações quantitativas.

***IHU On-Line* - Quais as diferenças entre cosmologia e astronomia?**

Ney Lemke - Astronomia é a ciência que estuda os corpos celestes e engloba tanto aspectos teóricos como observacionais. A Cosmologia é voltada ao estudo de todo o Universo, enfatizando a modelagem matemática.

***IHU On-Line* - A cosmologia de Newton pressupõe elementos**

isolados articulados em sistemas graças à ação de certas forças naturais. Quais as conseqüências da perda implicada por essa fragmentação do mundo, por essa ênfase na segmentação dos elementos constitutivos de todos os entes?

Ney Lemke - A Cosmologia de Newton, ou seja, a visão de mundo do ser humano Isaac Newton, não era necessariamente fragmentada. Ele era um homem profundamente religioso e sua visão de mundo incluía um ser onisciente e onipotente que regia o cosmos. Mas, de fato, ele acreditava na idéia de que o Cosmos é formado por átomos que interagem mediante forças. Para os mecanicistas, como Descartes, estas forças deveriam ser forças de contato. Newton se deparou com um problema que ele nunca conseguiu resolver de forma satisfatória, a gravitação aparentemente agia à distância e prescindia de qualquer agente físico. Nesta atitude de Newton, encontramos um traço que torna sua ciência a nossa ciência contemporânea, ou seja, a capacidade de investigar fenômenos que não conseguimos entender de forma intuitiva, utilizando abstrações matemáticas. Eu considero

difícil falar das perdas que tal perspectiva acarretou, pois do ponto de vista moderno, a Física desenvolvida por outras abordagens, como a aristotélica, possui um impacto insignificante no pensamento moderno.

IHU On-Line - A física newtoniana pressupunha essencialmente o movimento e visava a ele, mas um movimento que se expressava, sobretudo, como uma temporalidade reversível, típica do pensamento físico-matemático. Como é possível aplicar isso de forma prática?

Ney Lemke – As aplicações desta abordagem incluem praticamente todos os avanços tecnológicos obtidos desde então, incluindo de forma direta as viagens interplanetárias, a decodificação do DNA, a invenção da televisão, etc.

IHU On-Line - Qual a relação entre a cosmologia newtoniana e a teoria da gravitação clássica de Newton?

Ney Lemke – A teoria da gravitação de Newton é um dos elementos de sua Cosmologia, mas devemos incluir outros elementos, como o espaço e tempo absolutos, a cronologia bíblica, a influência de Deus na organização e criação do Cosmo.

IHU On-Line - E qual a relação da cosmologia de Newton com a cosmologia relativista de Einstein?

Ney Lemke – Einstein retoma muitas das questões levantadas por Newton. Em especial, a equivalência entre a massa gravitacional (proveniente da lei da gravitação universal) e inercial (originária da lei de Newton) e a discussão do espaço tempo absoluto. Na verdade, Einstein consegue atacar alguns dos problemas que Newton não conseguiu atacar. O mais

crítico deles é que Einstein consegue propor uma base mecânica para a gravitação universal e abandonar a idéia de ação à distância (que era desagradável ao próprio Newton).

IHU On-Line - Sobre quais físicos Newton exerceu maior influência?

Ney Lemke – A evolução da Física passa necessariamente por Newton, nenhuma idéia na Física pós-newtoniana está desconectada do pensamento de Newton. Mesmo a Mecânica Quântica está alicerçada no método de Newton.

IHU On-Line - Qual a importância que o senhor vê em um debate sobre os desafios da física para o século XXI em uma universidade?

Ney Lemke – Os avanços da Física pautaram os avanços tecnológicos da humanidade nos últimos três séculos. Talvez no século XXI, este papel possa ser desempenhado pela biologia. Mas, de qualquer forma, a Física continuará a ser vital para se compreender a nossa sociedade e antever o impacto que as novas tecnologias possam causar nela.

IHU On-Line - Gostaria de acrescentar mais algum comentário sobre o tema?

Ney Lemke – Eu gostaria de acrescentar que, pela minha experiência, as pessoas, em geral, têm uma visão bastante equivocada da figura humana Isaac Newton e de sua visão de mundo. A trajetória de Newton é uma das mais espetaculares e inclui muitos aspectos surpreendentes, como, por exemplo, sua paixão por alquimia e suas disputas viscerais com Hooke. Aqueles que prestigiarem a palestra no dia 21 de setembro, certamente, irão comprovar este fato.

Concílio Vaticano II

A virada histórica qualitativa da Igreja com relação ao modo de ler a Bíblia

A terceira palestra do **Ciclo de Estudos Concílio Vaticano II** aconteceu dia 15 de setembro, tendo a professora Dr.^a Lúcia Weiler, da ESTEF, falando sobre o tema *O Concílio Vaticano II e as novas hermenêuticas bíblicas*.

Sobre o assunto, é possível conferir uma entrevista realizada com a professora na 155^a edição da *IHU On-Line*, de 12 de setembro de 2005. Leia, a seguir, a opinião de quem participou do evento:

Ecoss do evento

“Foi muito boa a palestra. A contextualização que a professora Lúcia fez ao resgatar historicamente o período do Concílio Vaticano II ajudou muito a compreender o tema da palestra. E o fato de ela ter trazido elementos da vida prática para associar à teoria das hermenêuticas bíblicas tornou a palestra acessível e interessante, mesmo para iniciantes na área da Teologia. Também gostei do debate sobre o feminino na Bíblia, a visão da mulher, possível por meio de uma abertura dada pelo próprio Concílio Vaticano II”.

Odimar Malacarne, frei capuchinho do Convento São Lourenço de Brindisi, de Porto Alegre.

“A palestra foi uma abertura para a nossa leitura, como noviças, da ética do pobre. Não podemos mais pensar que estamos indo para certas realidades no intuito de evangelizar, mas para sermos evangelizadas. Tudo o que a professora Lúcia falou, com a contextualização da hermenêutica, levou a essa conclusão”.

Marlete Francisca da Silva, noviça da Congregação das Irmãs de São Jose de Chambéry.

Idade Média e cinema

A desmistificação do símbolo patriótico francês

O filme Joana d’Arc foi o objeto de estudo da última edição do evento **Idade Média e cinema**, realizado na manhã do último sábado, dia 17 de setembro. Após a exibição do filme, houve um debate com o público, conduzido pela professora Cybele Crossetti de Almeida, do Departamento de História da UFRGS. A professora concedeu uma entrevista sobre o filme na 155^a edição da revista *IHU On-Line*, de 12 de setembro de 2005.

Ecos do evento

“O cinema tem um papel muito importante na questão de retratar os fatos históricos. Este curso está fazendo do cinema um instrumento para podermos compreender melhor a história e termos um senso mais crítico em relação ao próprio cinema. Penso que essa é a questão chave da proposta. Com o debate que tivemos depois do filme Joana d’Arc, conseguimos perder a imagem estereotipada que tínhamos dela. Não temos mais aquela imagem de bruxa que aparecia nos livros didáticos. Também tivemos uma visão mais clara da importância de Joana d’Arc na trajetória histórica, como mulher que desempenhou um papel muito importante para sua época. Revimos nossos conceitos em relação a ela. A cada sábado, cresce nosso interesse para conhecer mais”.

Erlin Gisele Ramisch, aluna no curso de História da Unisinos.

“O filme exibido é muito interessante, próprio para o intuito do evento. A professora Cybele ajudou muito na interpretação da obra, posteriormente, durante o debate, falando sobre detalhes simbólicos e sobre a linguagem do filme. Pena que o debate foi curto em função das 3 horas de exibição da obra. Fomos embora com o ‘gostinho de quero mais’. O curso é bom para aprimorar áreas específicas do conhecimento”.

Gabriel Dall’Aqua Saldanha, aluno do curso de Jornalismo da Unisinos.

Rei Arthur: o homem detrás da lenda

Entrevista com José Rivair de Macedo

Sábado é dia de assistir a filmes no IHU, todos sobre a Idade Média, na programação do curso **Idade Média e cinema**. Na manhã do próximo sábado, dia 24 de setembro, das 8h30min às 12h30min, na sala 1G119 do IHU, o filme a ser exibido e comentado com o público será **Rei Arthur**, do diretor Antoine Fuqua, produzido em 2004. A condução do debate posterior está sob a responsabilidade do Prof. Dr. José Rivair de Macedo, da UFRGS. José Rivair Macedo é professor no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UFRGS. Graduado em História, é doutor em História Social pela USP. Obteve também pós-doutorado pela Universidade Nova de Lisboa, Portugal. É autor de diversos livros, entre os quais citamos **A Mulher Na Idade Média**. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2002 e **Belo Monte: uma história da Guerra de Canudos**. São Paulo: Expressão Popular, 2004. José Rivair já é conhecido dos participantes do curso **Idade Média e cinema**, pois ele ministrou a primeira palestra do evento, no dia 3 de setembro, ao lado do professor Dr. José Alberto Baldissera, da Unisinos, tendo como tema A Idade Média através do Cinema. Sobre o assunto, ele concedeu uma entrevista na 153ª edição da **IHU On-Line**, de 29 de agosto de 2005.

A seguir, os leitores e leitoras podem conferir uma entrevista que José Rivair nos concedeu, por e-mail, sobre o filme Rei Arthur.

IHU On-Line - Como o filme Rei Arthur contribuiu para contar a história da Idade Média?

José Rivair - A reconstituição do cenário, das vestimentas, adereços e utensílios e, sobretudo, do equipamento militar dos povos bárbaros no momento de passagem da Antiguidade para a Idade Média foi minuciosamente reconstituído pela equipe técnica que elaborou o filme. A obra foi elaborada seguindo padrões bastante realistas, com o ensejo de recuperar o cenário de um tempo mal retratado na história. Para ser executada, a obra contou com uma acurada pesquisa nos raros documentos escritos na Grã-Bretanha relativos ao século V (como a crônica de Guildas) e, muito possivelmente, valeu-se dos resultados de pesquisas arqueológicas dedicadas aos elementos da cultura material dos povos bárbaros (equipamento militar, vestimenta, objetos de adorno, etc). Por tudo isto, contribui para a constituição visual do cenário histórico relativo ao momento de passagem da Antiguidade para a Idade Média.

IHU On-Line - Em que essa versão do filme inova diante das outras que contam a história do Rei Arthur?

José Rivair - O filme em questão traz consigo a proposta de recuperar "o homem por detrás da lenda", isto é, pretende apresentar uma imagem desmistificadora de uma figura lendária que remonta ao medievo, aquilo que diversos pesquisadores tentaram, em vão, fazer. Neste sentido, sua proposta é inovadora, pois, em geral, todas as obras cinematográficas que abordaram o tema arturiano dedicaram-se a reproduzir o mito tal como se encontra nos romances de cavalaria da Idade Média, com o Rei Artur, os cavaleiros da Távola Redonda, as aventuras romanescas e o triângulo amoroso gerado pela relação adúltera entre Guinevere (a rainha) e Lancelot (o

cavaleiro mais importante do rei). Aqui, ao contrário deste ideário cavaleiresco construído nos séculos XII-XIII, o que temos é uma tentativa, relativamente bem sucedida, de retrato das guerras entre bretões e anglo-saxões no século V da era cristã.

IHU On-Line - Quais os maiores méritos da obra, em termos de produção, fotografia, enredo?

José Rivair - Penso que o maior mérito tenha sido a recuperação detalhada do cenário provável da Grã-Bretanha no século V. Isso se deveu ao grande investimento feito no cenário, na qualidade da fotografia (em tom escuro e permeado por brumas, muito apropriado para um período que, até o presente, continua a ser designado como Dark Ages, isto é, Idade das Trevas). Entretanto, é no desenvolvimento do enredo que se encontra o maior obstáculo ao que o diretor se propõe, isto é, a apresentação da personalidade histórica de Artur, e não sua projeção mitificada. Na realidade, o enredo continua a mesclar realidade histórica e mito, só que nunca perspectiva invertida.

IHU On-Line - Como você avalia a descrição das personagens no filme? Elas refletem a sociedade da época com fidelidade?

José Rivair - Vejamos um pouco melhor a relação dos personagens principais com o enredo. O Artur que encontramos aqui não é o Rei de um reino imaginário, Camelot, nem o protetor de uma tábua redonda em que se sentam os melhores cavaleiros do mundo. Este Artur não é casado com uma Rainha Guinevere, nem preside a realização de façanhas cavaleirescas. No filme, Artur é um líder bretão fiel aos ideais do mundo romano que, para defender sua terra contra a invasão dos anglo-saxões, conta com o apoio de um grupo de destemidos

guerreiros, um dos quais, Lancelot, provindo de uma tribo Sárмата, que tradicionalmente oferecia seus guerreiros ao exército romano. No desenvolvimento da trama, Artur vem a conhecer uma guerreira, com quem se casará no fim do filme, e estabelecerá contatos com Merlim, um obstinado líder de uma tribo celta que resiste por longo tempo aos romanos, mas que sucumbirá diante dos implacáveis invasores. Quase tudo aqui tem algo que se aproxima da história. De fato, é provável que o personagem que, no decurso do tempo, será transformado no lendário Rei Artur tenha sido um líder bretão de meados do século V em guerra contra os anglo-saxões (chamado, talvez, Ambrósio Aurélio). Entretanto, a diferença fundamental entre o filme e a realidade histórica é que o diretor, valendo-se da liberdade de criação cinematográfica, retrocedeu anacronicamente para o século V personagens nascidos na tradição romanesca arturiana, tanto Lancelot quanto Guinevere e outros. Assim, o filme acaba por sugerir ao espectador que, já no século V, os principais personagens do

universo arturiano teriam existido, o que não está de acordo com a história. Assim, embora a idéia inicial seja a de revelar a realidade por trás da lenda, esta é que acaba sendo fortalecida.

IHU On-Line - Qual a importância que o público do cinema dá às cenas de guerra? Elas ainda atraem muito? Se sim, por que esse fascínio?

José Rivair – As cenas de batalha, nos filmes, desempenham um papel importante, pois conferem o tom de realismo ao enredo, permitem o desenvolvimento de efeitos especiais e recursos cinematográficos, representam o elemento da ação que sempre chama a atenção do público e contribui para dar continuidade a uma tendência recorrente nos romances desde a Idade Média, que é a articulação de três elementos aparentemente antagônicos, mas verdadeiramente complementares no desenvolvimento da trajetória do herói: o tema amoroso, a destreza física e militar (na guerra e na aventura) e a morte.

Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia

O professor do Instituto de Economia da UFRJ, Paulo Bastos Tigre, esteve na sala 1G119 do IHU na última quinta-feira, dia 15 de setembro, falando sobre o tema *Desenvolvimento econômico no capitalismo: a visão de Schumpeter*, na programação do **Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia**. Leia na 155ª edição da ***IHU On-Line***, de 12 de setembro de 2005, o artigo que o professor Paulo Bastos Tigre elaborou sobre Schumpeter.

Ecos do evento

“Achei uma das melhores palestras do Ciclo até agora. Schumpeter está entre os grandes economistas. Ele teve uma influência muito grande até na economia do Brasil, principalmente no regime militar, que baseou sua economia em princípios que ele

desenvolveu. O conceito de destruição criadora, instituído por Schumpeter é interessante. Um evento como esse é bom porque é interessante ouvir outras opiniões, já que, nas cadeiras, o conteúdo é mais resumido. Os palestrantes são professores de fora, muito bons, que entendem do assunto”.

Rafael Dalcin, aluno da graduação em Economia da Unisinos.

“Gostei muito. Fiquei satisfeito em ouvir o professor Paulo Bastos Tigre, pois eu já tinha lido artigos dele sobre Schumpeter. Eu também participei da palestra sobre esse economista realizada na Livraria Cultura, com o professor Achyles da Costa. A relação que Paulo Bastos Tigre fez com Marx foi importante e marcou muito pelos cinco pontos em comum que ele apontou existirem entre os dois. Percebo que hoje há uma tendência no Brasil e no mundo de que o neoliberalismo está dominando e ninguém pensa numa via alternativa. Mas uma das idéias é a oferecida por Schumpeter”.

Waldyr Schneider, mestrando em Administração na Unisinos.

Encontros de Ética

O evento **Encontros de Ética**, na sua última edição, teve como tema *A ética no Movimento Social da Luta Antimanicomial*. Maria de Fátima Bueno Fischer, professora no curso de Psicologia da Unisinos, foi quem conduziu a discussão realizada dia 12 de setembro. Uma entrevista com a professora, publicada na 154ª edição da IHU On-Line, de 5 de setembro de 2005, esclarece aos leitores o tema do evento.

Ecoss do evento

“Achei ótimo. Esse é um tema muito importante, não só para a Psicologia. O movimento ensina que as pessoas têm que aprender a conviver com a loucura. A professora Fátima é fantástica, porque viveu, presenciou tudo o que ela falou. As experiências dela marcaram”.

Isadora Simões de Souza, aluna da graduação em Psicologia da Unisinos.

“Gostei da palestra. As histórias que a professora contou de alguns usuários de serviço de saúde mental, realmente impressionaram. Ela mostrou que existe a possibilidade de trabalhar a doença de outra forma que não em um sistema manicomial. Para a Psicologia e para toda a sociedade é básico saber isso”.

Mário Francis Petry Londero, aluno da graduação em Psicologia da Unisinos.

Weblogs e comunidades virtuais

O tema *Weblogs e comunidades virtuais: as redes de sociabilidade da Internet* será debatido no próximo **Encontros de Ética**, evento que se realiza dia 26 de setembro, das 17h30min às 19h, na sala 1G119 do IHU. A palestrante será a Profª MS Raquel da Cunha Recuero, da Escola de Comunicação Social da Universidade Católica de Pelotas. Graduada em Jornalismo e em Direito, Raquel Recuero é mestre em Comunicação e

Informação pela UFRGS, onde atualmente cursa doutorado na mesma área. Sua dissertação de mestrado intitula-se *Comunidades Virtuais na Internet: O caso do Pelotas. Um estudo de como a comunicação mediada por computador está alterando a sociabilidade humana*.

A revista **IHU On-Line** número 145, de 13 de junho de 2005, dedicou sua matéria de capa ao tema dos *weblogs*, publicando entrevistas com José Luis Orihuela, Paula Sibília, Marcos Palácios, Pedro Doria, Daniel Galera, Rebecca Blood e José Javier Dominguez.

Encontros de Ética é um evento gratuito e aberto à comunidade, que acontece na Unisinos a cada 15 dias, sempre às segundas-feiras.

Leia, a seguir, a entrevista que a professora Raquel concedeu, por e-mail, à **IHU On-Line**, na última semana:

Redes sociais: um composto de capital social, laços sociais e interação

Entrevista com Raquel Recuero

***IHU On-Line* - O que mais atrai as pessoas na linguagem da web, nas redes sociais estabelecidas pela internet?**

Raquel Recuero – Essa é uma questão complicada. Há várias teorias neste sentido, mas acredito que nenhuma dê completamente conta do recado. Há um sociólogo americano, o Ray Oldenburg, que é muito citado pelo pessoal que trabalha com comunidades virtuais e redes sociais. Ele diz que a culpa de as pessoas buscarem o social na Internet é da violência e da urbanização, da violência e da construção das grandes cidades. Cada vez menos, as pessoas têm espaços para o lazer, para a interação social. Por conta disso, acabam ficando restritas aos espaços de trabalho e de casa e a Internet supre essa lacuna, fornecendo um terceiro espaço, onde pode haver um retorno ao lazer. O Howard Rheingold, que estudou comunidades virtuais, trabalha bastante com essa idéia. Mas também se pode dizer, hoje, pelo índice de crescimento da Internet no Brasil e pelos dados de uso, que há um caráter de sociabilidade muito

grande na Rede no Brasil, que é próprio do País.

***IHU On-Line* - Quais as principais características das comunidades virtuais e das redes de sociabilidade da internet?**

Raquel Recuero – As comunidades virtuais são um tipo muito específico de rede social, caracterizadas pela presença de capital social de segundo nível, institucionalizado, com maior caráter de permanência, bem como de laços sociais fortes. As redes sociais, em geral, todas possuem capital social, laços sociais e interação.

***IHU On-Line* - Em uma sociedade hiperindividualista, como caracterizaria a comunidade de bloggers?**

Raquel Recuero – Acho que, na realidade, nenhum homem é uma ilha. Apesar da cultura individualista, somos sociais. Um *weblog* é uma construção pessoal, que tem um aspecto totalmente social. É a construção de um espaço "meu", uma reconstrução, uma faceta do

meu "eu", uma das minhas máscaras (para usar os termos do Hall e do Goffman), mas que eu faço para que os "outros" leiam. A construção se dá entre o eu e o Outro. Os comentários são uma parte importantíssima dos *blogs*. Tão importantes que, no início, eram ferramentas à parte e hoje, já estão incorporados nas principais ferramentas de *blog*. Então, o meu *blog* é um espaço onde eu me manifesto, mas é também um espaço de construção coletiva, onde os outros também aparecem, conversam, opinam. Dessas trocas, nascem as relações sociais e os laços que vão dar origem às comunidades. Assim, eu diria que o *blog* tem um caráter duplo, coletivo e individual.

IHU On-Line - Há uma cultura blogger específica, sendo os weblogs tão variados, podendo ir desde espaços de extrema intimidade a espaços profissionais de atualidade e crítica social, política e econômica?

Raquel Recuero - O *blog* é uma ferramenta, então, é difícil dizer que há uma cultura específica comum. Há coisas em comum com a cultura da Internet (o que Castells chama de "cultura hacker"), como proporcionar informações livremente, as campanhas eleitorais (como a Vote for Dean, nos EUA) que foram organizadas via Internet, com participação das pessoas. Acho que há muito da cultura de proporcionar informações, de trocar elementos, de estar junto. Mas há outros usos também. É uma ferramenta.

IHU On-Line - Como os weblogs influenciam nos meios de comunicação mais tradicionais?

Raquel Recuero - Os *blogs* têm agendado a discussão na mídia sobre muitos assuntos, inclusive que não estão sendo tratados pelos grandes meios de comunicação. Os *blogs* têm funcionado

não apenas como um meio alternativo de informação, mas igualmente, como uma ferramenta poderosa de trocas de informação coletiva, revolucionando a tradicional forma de comunicação um/muitos para muitos/muitos.

IHU On-Line - Qual a importância dos blogs como forma de relacionamento na sociedade atual? E em que sentido eles podem se tornar prejudiciais?

Raquel Recuero - Na condição de ferramentas sociais, os *blogs* não modificam as formas de relacionamento, apenas ampliam as possibilidades de trocas sociais na nossa sociedade, proporcionam um novo espaço. Podem tornar-se prejudiciais se as pessoas os utilizarem de forma prejudicial.

IHU On-Line - O que pode ser previsto em relação ao futuro dos weblogs? A partir deles, vão surgindo novas tendências?

Raquel Recuero - Fazer previsões sobre o futuro é sempre muito arriscado. Há teóricos que falam no futuro dos *weblogs* como associado a formas de ganhar dinheiro com eles. Não sei se isso vai acontecer, embora seja cada vez mais freqüente nos Estados Unidos. Acho que os *blogs* serão só mais uma forma de comunicação, como já são.

IHU On-Line - Como a senhora reflete esse espírito autônomo e descompromissado dos bloggers de "ter a liberdade para definir e escolher o que bem entendem no próprio espaço virtual"?

Raquel Recuero - Essa é uma característica da cultura *hacker* da Internet, já definida por Castells como herdeira do movimento punk (faça você mesmo). A Internet é um espaço público, onde as pessoas tendem a sentirem-se muito livres para fazer o que quiserem. Isso acontece tanto com as pessoas que

querem conversar e fazer amigos como com os pedófilos e outros indivíduos marginais. Assim, é uma questão complicada, mas que permeia toda a internet e não apenas os blogs.

IHU On-Line - De que maneira os blogs poderiam mudar o conceito de democracia?

Raquel Recuero – A partir do momento em que todo mundo pode colocar um blog e dizer o que bem entende, há um espaço coletivo, onde todos podem manifestar-se. Não há um monopólio da informação, mas uma democratização da mesma.

Veblen e o Comportamento Humano

Acaba de sair a edição nº 42 do *Cadernos IHU Idéias*, que traz o artigo do doutor e professor do Departamento de Geografia e Economia da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) Leonardo Monteiro Monastério, intitulado *Veblen e o Comportamento Humano: uma avaliação após um século de “A Teoria da Classe Ociosa”*.

O artigo analisa a obra clássica de Thorstein Veblen *The Theory of the Leisure Class*, traduzida para o português como *A teoria da classe ociosa*, e publicada em 1899. No texto, Monastério chama a atenção para o fato de que foi por meio dessa obra que os conceitos de ócio e consumo conspícuos disseminaram-se e passaram a fazer parte do jargão das ciências sociais.

”Segundo Veblen, caso haja uma categoria de indivíduos que, deliberadamente, possa abster-se do trabalho útil, a riqueza e o lazer não são desejados por si: o objetivo primeiro é a ostentação. A acumulação decorre, cada vez menos, da necessidade material e, cada vez mais, da busca de uma posição honorífica na sociedade. O ócio

conspícuo é definido como o tempo gasto em atividades que não visam à produção; é distinto, portanto, da inatividade” escreve na introdução.

Monastério explica que o objetivo do artigo é realçar a teoria vebleniana da conduta: “A escolha do objeto justifica-se não só porque esse é um ponto pouco divulgado da obra de Veblen, como também por considerar-se que sua análise do comportamento humano consiste em uma das mais relevantes contribuições para a Teoria Econômica”.

O trabalho cita também às críticas ao *homo economicus* neoclássico, consideradas fundamentais para a compreensão da proposta vebleniana. Na terceira seção, apresenta o *homo veblenianus*, discutindo-se como essa concepção de agente se relaciona com a sua abordagem hermenêutica.

A abordagem vebleniana em confronto com diversos conceitos de irracionalidade também é retratada no artigo de Monastério, que conclui fazendo uma breve avaliação das potencialidades da teoria da conduta de Veblen para a teoria econômica contemporânea.

Conferência sobre Pedagogia Inaciana para professores da Unisinos

No próximo dia 23 de setembro, sexta-feira, das 8h30min às 12h, no Anfiteatro Pe. Werner, a Unisinos promove para seus professores a conferência *A Pedagogia Inaciana e os desafios para o ensino superior neste início de século*. O evento integra o Programa de Formação de Professores da Universidade. Quem profere a palestra é o padre Jesús Montero Tirado, de Assunção, Paraguai. Montero Tirado é coordenador do Setor de Educação e de Comunicação Social da Conferência de Provinciales Jesuítas de América Latina (CPAL) e membro da Comisión Internacional del Apostolado Educativo de la Compañía de Jesús (ICAJE). O vice-reitor da Unisinos, Pe. Marcelo Fernandes de Aquino, será o provocador do debate, que será coordenado pela Prof.^a Dr.^a Cecília Osowski, do PPG em Educação da Unisinos.

IHU Repórter

Marcos Sebastião Baum

“Estou tendo uma oportunidade na Unisinos no momento em que a sustentabilidade financeira tem uma relevância muito grande. Essa característica aumenta a responsabilidade. Apesar disso, não tenho sentido a pressão da cobrança, mas justamente o apoio.” É neste clima de liberdade, que um profissional com formação, prioritariamente, de mercado, tem conquistado espaço no meio acadêmico da Unisinos. Há quinze anos, iniciou no corpo docente e há dois meses ocupa o cargo de Diretor de Finanças e Informação. Na entrevista a seguir, além de conhecer os degraus que o levaram a ocupar esta função, vamos saber de que forma a família contribuiu para suas vitórias. O menino que tinha o Jardim Zoológico como extensão do quintal de sua casa, hoje é um homem de 50 anos, com muitas histórias para contar. Estamos falando de Marcos Sebastião Baum.

Origens – Nasci em São Leopoldo e vivi toda a minha infância e juventude em Sapucaia do Sul. Tive uma oportunidade única: fiz todo o primário numa escola dentro do Jardim Zoológico, a Escola Rural Passo do Carioca, que hoje não existe mais. Eu tinha sete anos, e isso foi em 1962, ano de inauguração do Zôo. A escola era a mais próxima da minha casa e a grande vantagem era a interação com a natureza, um imenso verde que era excepcionalmente bom para brincar, e dava uma sensação de liberdade enorme. Lembro da inauguração do Jardim Zoológico, com a presença do presidente João Goulart,

um evento muito grande, com toda a pompa. O Zôo sempre foi revestido de um significado especial. Era praticamente o jardim da minha casa. Depois, cursei o ginásio e o científico na Escola Estadual Rubem Dario.

Trajetória profissional - Com 16 anos, comecei trabalhar durante o dia e tive que estudar à noite. Trabalhava no Curtume Vacchi, onde fiquei de 1971 a 1976. Na época, em 1971, era o segundo maior curtume do Brasil, tinha 2500 funcionários. Ingressei na Unisinos em 1974, no curso de Engenharia Mecânica. Mas, em função de novas atividades na empresa, eu precisava conhecer um pouco de contabilidade e de custos, e não existiam cursos específicos na área. Verifiquei que o curso de Ciências Contábeis tinha duas disciplinas sobre o tema. Pedi transferência e me formei em 1979. Quando concluí o curso já trabalhava na Stihl. Depois de formado, fiz cursos de inglês e de alemão. Em 1988, retornei à Universidade para fazer Engenharia de Produção. Permaneci um ano. No ano seguinte, surgiu o primeiro curso de especialização do antigo Centro 5, das Ciências Econômicas e Administrativas. Fui aluno da turma pioneira do curso, que, na época, era coordenado pelo professor Nestor Saul.

Entrada na Unisinos - Fui recomendado pelo professor Nestor Saul ao professor Ernani Ott, que era diretor das Ciências Econômicas e hoje é coordenador do Mestrado em Contabilidade. Ele me convidou e aceitei. Isso foi há quinze anos. Foi uma entrada um tanto quanto traumática. Tivemos duas semanas de aula e começou uma greve que durou três meses. A Unisinos inteira parou. Em 1992, fui convidado pelo professor Saul para ser coordenador do curso de Ciências Contábeis. Fiquei um ano e meio na função e pedi o afastamento porque não estava sendo possível conciliar a sala de aula, a coordenação e a Stihl. Em 1999, pioneiro novamente, iniciei o Mestrado em Contabilidade com ênfase em Controladoria, aqui na Unisinos.

Mudanças na trajetória profissional - Trabalhei na Stihl durante 28 anos, até julho de 2004. Destes, 14 anos consegui conciliar com a rotina acadêmica. Em agosto de 2004, o professor Célio Wolfarth me convidou para ajudar a implementar o módulo de orçamento no People Soft. Pude conhecer um pouco mais como funcionava a administração da Unisinos. Em 1º de novembro de 2004, assumi a gerência financeira da Universidade. Com as mudanças na Reitoria, o padre Marcelo Aquino convidou o professor Célio Wolfarth para ser pró-reitor de Administração e a mim para assumir a função de Diretor de Finanças e Informação. Ainda estou tentando me encontrar neste novo cargo, pois a área de atuação foi bastante ampliada.

Desafios da Unisinos - O desafio mais latente da Universidade no momento é a questão da sustentabilidade financeira. Precisamos transpor a concorrência, muitas vezes, predatória. Justamente por ser uma instituição séria, nunca vamos aceitar colocar no mercado um produto que não corresponda à qualidade que estamos acostumados a ter. Jamais seremos uma fábrica de diplomas e ainda vamos enfrentar inúmeras dificuldades com diversas instituições onde o negócio é ganhar dinheiro. O Brasil vem enfrentando uma

queda generalizada no poder aquisitivo, ano após ano, e a educação é a alternativa para a mobilidade social. Muitos vêm numa universidade de preço baixo a possibilidade de ter um diploma e acreditam que ele possa dar o mesmo acesso que outro conquistado em uma instituição com tradição e história. Quando o mercado começar a reconhecer o egresso da instituição A ou B a Unisinos vai voltar a ter condições de concorrer com um grande diferencial.

Família - Meu pai é Alberto Adão Baum e minha mãe, Luecy Fauth Baum. Meu pai era eletricitista, e minha mãe, costureira. Tiveram três filhos e apesar de terem cursado apenas o primário, fizeram o que puderam para que pudéssemos estudar. Essa é a grande dívida que eu sempre tive com ambos. Tivemos os estudos custeados por nossos pais até terminarmos o segundo grau. Depois fomos trabalhar para pagar a faculdade. Sou casado com a Gerda Margarida há 23 anos. Tenho quatro filhos, o Daniel Henrique, de 26 anos, que faz Administração de Empresas; a Morgana, de 23, que faz Administração com ênfase em Recursos Humanos; a Débora, de 20, que faz Gestão para Inovação e Liderança; e o Tobias, de 17, que está acabando o ensino médio agora e não sabe ainda que caminho seguir. A minha esposa tem uma tarefa árdua que é administrar a casa. Só consigo me dedicar ao trabalho com essa intensidade porque tenho a retaguarda dela que cuida de toda gestão da nossa atividade pessoal.

Valores - A educação para a vida é algo especial. Hoje olho para trás e vejo que só tive essas oportunidades porque meus pais se empenharam nesse sentido. Em função disso, investimos tudo o que for preciso para que nossos filhos tenham a oportunidade não só de estudar, mas também de vivenciar outras culturas e costumes, ter contato com outras línguas, alargar horizontes.

Lazer - No pouco tempo livre que sobra procuramos estar em família. Quando podemos, viajamos um pouco. Em 1998, em companhia de um casal de amigos fomos à Alemanha, Suíça, Áustria e Itália. Foram 14 dias fantásticos. Essa viagem motivou outra que fizemos ao Chile com um grupo maior, percorrendo o país de van.

Autor - Dan Brown.

Livro - *Código Da Vinci, Anjos e Demônios* e toda saga do Harry Potter.

Filme - O Senhor dos Anéis.

Sonho - Meu sonho é a formatura dos meus filhos. Tenho tido o privilégio de ser convidado para paraninfo ou professor homenageado, e vejo ali um momento ímpar, de realização não só do formando, mas dos pais, avós, filhos, esposos. Estou esperando o momento de estar na platéia como pai e ver esse sonho se realizar.

Presente - CDs

Unisinos - Minha escola como professor é menos acadêmica e mais profissional, em função de eu ter vindo de uma multinacional de mercado. Na Unisinos, o foco é mais acadêmico, mas dado o acirramento da concorrência, a Universidade busca ajustar seu modelo de gestão. Sinto-me confortável e com condições de contribuir com essas mudanças pelas minhas vivências de mercado. Vejo a Unisinos como uma instituição plenamente viável. Temos muito trabalho pela frente e foi essa perspectiva de desafio que me motivou a aceitar o convite. Dá gosto dizer que sou um diretor da Unisinos. Tem marca, tem respeitabilidade e credibilidade.

Instituto Humanitas - Conheço-o muito pouco. Tenho 15 anos de Unisinos, mas sempre desenvolvi minhas atividades nas Ciências Econômicas. Agora estou conseguindo conhecer um pouco mais da Universidade.

Carta do leitor

Prezados:

Agradeço muito o envio da revista *IHU On-Line*. Vocês estão de parabéns pelo conteúdo da mesma, sempre atual, envolvente e questionador. É assim que se formam as consciências retas. Continuem firmes nesse projeto.

Dom Mauro Montagnoli
Ilhéus - BA